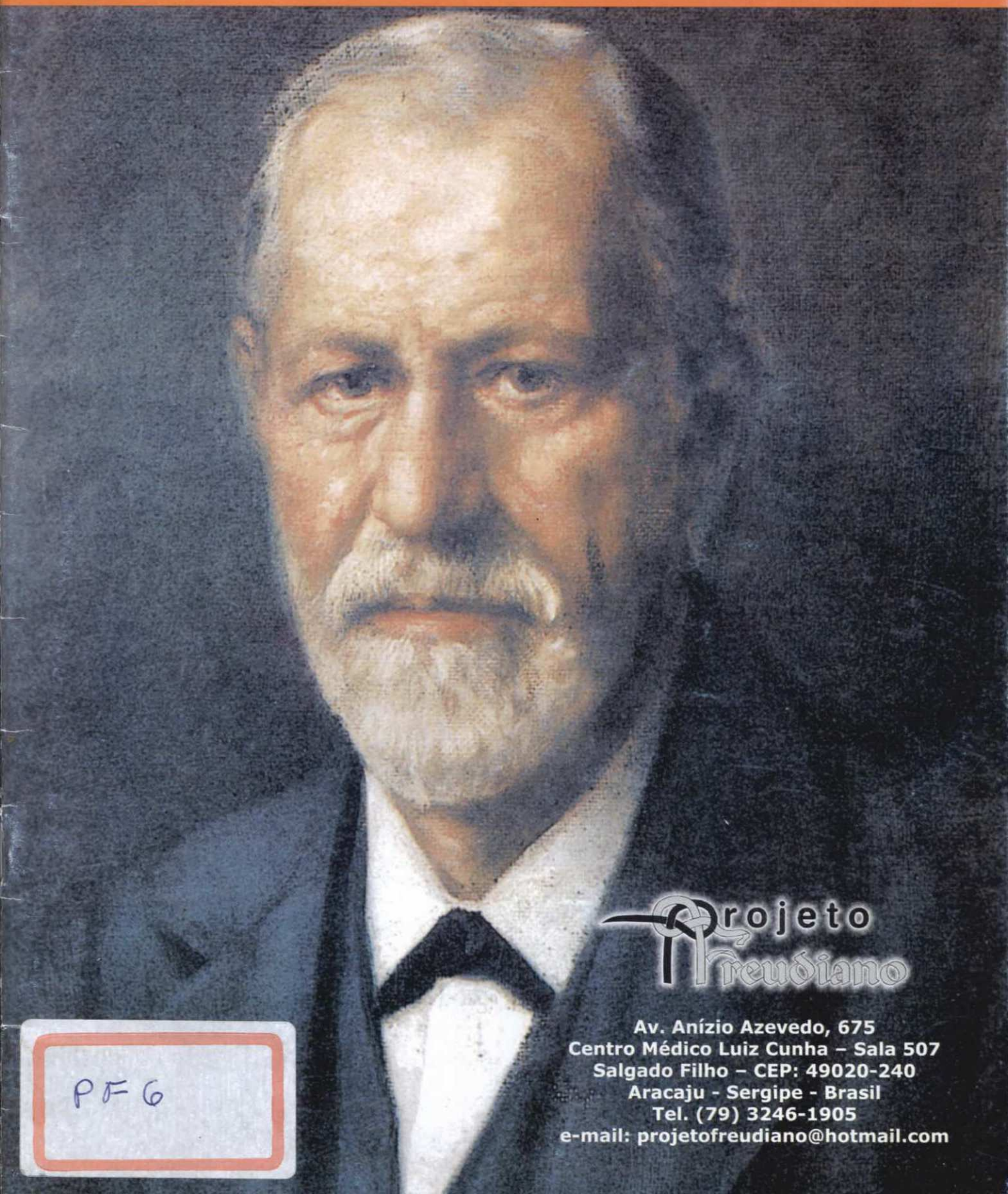
PERIÓDICO

Ano VII - Nº 11/2006



Projeto Freudiano

Av. Anízio Azevedo, 675
Centro Médico Luiz Cunha – Sala 507
Salgado Filho – CEP: 49020-240
Aracaju - Sergipe - Brasil
Tel. (79) 3246-1905
e-mail: projetofreudiano@hotmail.com

PFG

SUMÁRIO

1. EDITORIAL

150 Anos do Nascimento de Freud 1
Roseli Maria Rodella de Oliveira (AP da EPFCL- SE)*

2. PSICANÁLISE E PESQUISA

Modalidades do Gozo 3
Jairo Gerbase (AME da EPFCL - BA)*

A Ética da Escolha do Sujeito e sua Dimensão Trágica 5
Alba Abreu Lima (AME da EPFCL - SE)*

3. ESTUDOS EM PSICANÁLISE

Que História se Escreve, se Conta, se Escuta da Velhice? 8
Ângela Mucida (AP da EPFCL- MG)*

Fragmentos de uma Psicose 10
Ângela Boto (Psiquiatra, Associada do Projeto Freudiano)

Linguagem: Uma Inversão Lacaniana 12
Andréa Gonçalves Aragão (Psicóloga, Associada do Projeto Freudiano)
Jorge Melo Menezes (Psicólogo, Associado do Projeto Freudiano)

O Inconsciente é Estruturado como uma Linguagem 13
Alessandra Santos (Psicóloga, Associada do Projeto Freudiano)

O Édipo na Contemporaneidade 14
Flávio Ferreira Câmara (Psicólogo, aluno do Campo Psicanalítico - BA)

4. PSICANÁLISE E CONEXÕES

Possibilidades da Escuta Psicanalítica na Instituição 18
Katarina Vidal Aragão (Membro do Projeto Freudiano)

O Paciente Medicado e o Manejo do Sintoma pela Psicanálise na Estrutura Neurótica 19
Laize Souza Barreto (Membro do Projeto Freudiano)

5. PONTO DE VISTA

Homenagem a Freud 21
Tereza Cristina Rollemberg (AP da EPFCL - SE)*

6. ENTREVISTA 22
Sonia Alberti (AME da EPFCL* - RJ)

*Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano

Conselho Editorial
Marcia Polido
marpolido@uol.com.br
Roseli Rodella de Oliveira
rrodella@oi.com.br

Projeto Gráfico
Thales Mourão

Fotolito e Impressão
Gráfica J. Andrade

Tiragem
2000 exemplares

Colaboraram neste número
Alba Abreu Lima
Eliana de J. Menezes
Rochele B. Barbosa

Os textos dos membros, associados e interessados podem ser enviados ao Banco de Textos do Projeto Freudiano e deverão ter duas laudas, em fonte Arial, tamanho 11, papel A4, com revisão gramatical, para serem selecionados pelo Conselho Editorial

EDITORIAL

150 anos do nascimento de Freud

"Flectere si nequeo Superos, Acheronta movebo". "Se não agradar os Deuses moverei os infernos"[1]. Nessa frase, Freud revelava seu proeminente desejo de posteridade e, também, o quanto valorizava e lutava para introduzir suas descobertas na Viena de sua época. Hoje, sabemos o quanto sua obra revolveu os confortáveis assentos de sustentação do conhecimento humano e, portanto, como Freud não agradou aos "Deuses" de sua época.

Outro exemplo do desejo de posteridade de Freud, o de reconhecimento, encontramos na publicação Interpretação dos Sonhos, onde manifestou sua clara decepção com as reações da época a essa obra. Apresentou também esse desejo em uma carta a Fliess, quando confidenciou que sua descoberta merecia uma placa afixada no Castelo de Bellevue com os seguintes dizeres: "Nesta casa, em 24 de julho de 1895, que o segredo do sonho foi revelado ao Dr. Sigmund Freud"[2].

No final de sua vida, aos 70 anos, Freud já não estava mais interessado em reconhecimento, em posteridade ou glorificação:

> "a fama, [diz ele] chega apenas quando morremos e, francamente, o que vem depois não me interessa. Não aspiro a gloria póstuma. Minha modéstia não é virtude."[3]

Nesta data, ele já havia sido reconhecido em todo mundo, apenas sua Viena continuava sem lhe dar o reconhecimento merecido.

Comemorar os "150 anos do nascimento de Freud", dedicando-lhe esse número do PERIÓDICO, nos dá a possibilidade de refletir a importância de sua descoberta e de reconhecer seu feito, apesar dos infrutíferos anúncios do fim da psicanálise em nossa época.

A Psicanálise, por ser instauradora de um novo saber, de uma nova discursividade, pode ser inscrita na história do pensamento que influenciou solidamente a maioria dos sistemas dos últimos 150 anos. Seynour-Smith[4] diz que

> "se não considerarmos Sigmund Freud, pouco seria o progresso realizado no século XX. No ano 2000, ele será uma personalidade tão central como o foram Locke, e Newton em 1700, Voltaire em 1800 ou Hegel e Schopenhauer em 1900[4]".

Freud criou uma nova razão que não é da ordem da filosofia nem da ciência: a razão é retirada de seu lugar unificador e convergente das idéias e, em seu lugar, instala-se uma fenda. Para ele, o Inconsciente é uma

Outra Cena que revela que o ser humano não possui domínio de si mesmo: "não penso e sim, sou pensado".

Cabe a nós psicanalistas, hoje, descerrarmos a placa comemorativa, que Freud sonhou receber no marco da sua descoberta, homenageando o brilhantismo da introdução de um novo léxico na forma de pensar o homem.

Na rubrica Psicanálise e Pesquisa, Gerbase apresenta o artigo "Modalidades do gozo" utilizando-se da lógica aristotélica, seus quadros assertórico e modal, relacionando-os com as fórmulas quânticas da sexuação restruturadas por Lacan, com o indecidível na relação entre o impossível e o possível. Na seqüência, Abreu nos brinda com o texto "A ética da escolha do sujeito e sua dimensão trágica" perguntando-se o que a psicanálise tem a aprender com a tragédia grega. Perpassa pelo trágico e faz uma aproximação da literatura, psicanálise e clínica, apontando que Freud construiu, a partir das tragédias, metáforas clínicas da existência humana.

Na rubrica Estudos em Psicanálise, no texto "Que história se escreve, se conta, se escuta na velhice?" Mucida demonstra, utilizando-se de fragmentos da clínica com idosos, que o sujeito não tem idade, e, portanto, o tratamento psicanalítico com idosos é possível. A seguir, Ângela Boto, em "Fragmentos de uma psicose", descreve um caso de sua clínica comparando-o ao caso Schereber. Os dois textos seguintes decorrem de estudos desenvolvidos na Rede de Pesquisa psicanálise e linguagem. O primeiro, "Linguagem: uma inversão lacaniana, escrito a duas mãos: Andréa Gonçalves Aragão e Jorge Melo Menezes. O segundo, "O Inconsciente é estruturado como uma linguagem", de Alessandra Santos, coteja as contribuições lacanianas retiradas da lingüística e da antropologia, na sua releitura freudiana do inconsciente. Para finalizar esta rubrica, o artigo, "O Édipo na contemporaneidade", do colega Flávio Câmara, tem o objetivo de estudar a identidade sexual de um sujeito, inserido numa família cujos pais são pessoas do mesmo sexo, fundamentado na literatura psicanalítica.

Na seqüência, na rubrica Psicanálise e Conexões, Katarina Aragão aborda as "Possibilidades da escuta psicanalítica na instituição", aproximando a inspiração poética de Drummond ao que Lacan formulou sobre a dificuldade em capturar a verdade. Concluindo, Laize Barreto, em uma pesquisa realizada no ambiente acadêmico sobre "O paciente medicado e o manejo do sintoma pela estrutura neurótica", questiona-se sobre o uso abusivo de psicotrópico como uma forma de tratamento do sintoma neurótico.

O Ponto de Vista, compõe outra homenagem ao aniversariante, agora por Tereza Rollemberg, que nos relembra a origem do nome Projeto Freudiano, nome tão acertadamente retirado de um texto freudiano, tendo em vista nossa transferência com a causa analítica.

Finalizando o Periódico, a entrevista com Sonia Alberti discorre sobre temas atuais no meio psicanalítico como a regulamentação da psicanálise e a necessidade do psicanalista pertencer a uma instituição psicanalítica para dar provas de seu percurso.

Roseli Maria Rodella de Oliveira

NOTAS:

[1]Freud usou o verso de Virgílio, Eneida como epígrafe do volume IV, Interpretação dos Sonhos. A tradução literal é a seguinte: "Se não puder dobrar os deuses de cima, comoverei o Aqueronte". O Aqueronte, um dos rios do Inferno, segundo a mitologia antiga, simboliza os deuses do inferno. Freud dá uma interpretação pessoal ao verso de Virgílio resumindo sua tese fundamental: "os desejos, rejeitados pelas 'autoridades superiores mentais', recorrem ao submundo mental - o Inconsciente, para assegurar seus propósitos".

[2]FREUD, Sigmund. Interpretação dos Sonhos. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**, 2ª ed., v. IV, Rio de Janeiro: Imago Ed., 1987.

[3]O valor da vida: uma entrevista rara de Freud concedida a Geörge Sylvester Viereck em 1926, in SOUZA, Paulo Cezar. **Sigmund Freud e o Gabinete do Dr. Lacan**. 2ª ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990.

[4]SEYNOUR-SMITH, Martin. **Os 100 livros que mais influenciaram a humanidade**: a história do pensamento dos tempos antigos à atualidade. 3ª ed. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

[5]FREUD,idem.

PSICANÁLISE & PESQUISA

Modalidades do Gozo

Jairo Gerbase
jerbase@campopsicanalitico.com.br

MODALIDADES...

Aristóteles elaborou uma teoria das frases declarativas assertóricas (cuja afirmação ou negação é considerada como real) que se aplicam às frases formais:

A - Todo **S** é castrado;
E - Nenhum **S** é castrado;
I - Algum **S** é castrado;
O - Algum **S** não é castrado.

Combinando a distinção entre Universal e Particular, isto é, as quantidades (Todo, Nenhum, Algum) com a distinção entre Afirmativo e Negativo, ou seja, as qualidades (é, não é) ele obteve a classificação quaternária das frases declarativas assertóricas ou quadro das oposições assertóricas:

PUA - Proposição Universal Afirmativa;
PUN - Proposição Universal Negativa;
PPA - Proposição Particular Afirmativa;
PPN - Proposição Particular Negativa.

Além da teoria das frases declarativas assertóricas, Aristóteles elaborou uma teoria das frases declarativas modais (cuja afirmação ou negação é considerada como necessária [apodíctica] ou possível [problemática]) que se aplicam às inferências lógicas:

N – **S** é necessariamente castrado;
C – é contingente que **S** seja castrado;
I – é impossível que **S** seja castrado;
P – é possível que **S** seja castrado.

A lógica Modal de Aristóteles consiste em opor:

Necessário [derivado de A – PUA] - **S** sempre é castrado, a
Contingente [derivado de O - PPN] - **S** às vezes não é castrado, e
Impossível [derivado de E - PUN] - **S** nunca é castrado, a
Possível [derivada de I - PPA] - **S** às vezes é castrado.

Em 'O saber do psicanalista', Lacan modifica o quadro da oposição, mantendo a contradição entre:

Necessário - **S** sempre é castrado, e
Contingente - **S** às vezes não é castrado, e estabelecendo como *indecidível* a relação entre:
Impossível - **S** nunca é castrado, e
Possível - **S** às vezes é castrado.

E a partir daí, ele relaciona os quadros assertórico e modal com as fórmulas quânticas da sexuação:

Masculino

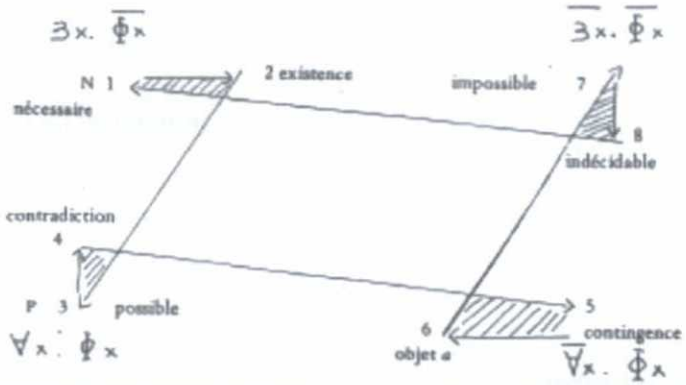
A - PUA - Todo **S** é castrado **N – S** sempre é castrado **não pára de se escrever** (~p∧q)

I -PPA - Algum **S** é castrado **P – S** às vezes é castrado **pára de se escrever** (p∧q)

Feminino

E – PUN - Nenhum **S** é castrado **I – S** nunca é castrado **não pára de não se escrever** (~p∧~q)

O - PPN - Algum **S** não é castrado **C – S** às vezes não é castrado **pára de não se escrever** (p∧~q)



Permanece, todavia, *indecidível* a relação entre o impossível e o possível. No Seminário 20 - Mais, ainda - quando trata novamente das modalidades do gozo, Lacan não evoca o possível. Aí, e sempre a propósito do amuro e do gozo, trata do **Contingente** (p∧~q), do que apenas às vezes se escreve, do que se escreve quando há encontro, do que **pára de não se escrever**, e de sua contraditória, o **Necessário** (~p∧q), do que sempre se escreve, da rotina, do que **não pára de se escrever**. Trata da negação do possível, do **Impossível** (~p∧~q), do que nunca se escreve, do gozo que **não pára de não se escrever**, do real, mas só volta a tratar do **Possível** (p∧q), do que **pára de se escrever**, do que pára *o menos* de se escrever, do que pára *o menos possível* de se escrever no Seminário 24 - *L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre* - quando se diz que o homem se inclina para o seu prazer, e que isso apenas quer dizer que o homem pende para o menor padecimento, para sofrer *o menos possível*, e é assim que ele propõe conceber o que é o prazer freudiano.

...DO GOZO

O gozo começa na cama. Vem-se ao psicanalista falar disso. O direito costumeiro também fala disso. O uso do concubinato implica em deitar junto. Usufruto é a palavra que define a relação do direito com o gozo. Usufruto é o direito que se confere a alguém para retirar de coisa alheia todos os frutos e utilidades, desde que não lhe altere a substância ou o destino. Pode haver, por exemplo, usufruto da terra ou do corpo do Outro. De acordo com o marxismo, o gozo da terra é o bem supremo. Consoante o freudismo, o gozo do corpo do Outro é o soberano bem.

O usufruto exige a diferença entre o útil e o gozo. O usufruto significa que podemos gozar sem enxovalhar o meio. Podemos gozar de uma herança sem, contudo gastá-la demais. O gozo, em uma definição negativa, é aquilo que não serve para nada. O campo do direito ao gozo distingue dever e direito, como em todo estatuto. O dever é a interdição. O direito é o gozo. Gozar não é dever. Nada força ninguém a gozar, exceto o Superego, que é o imperativo do gozo. O Superego não diz: É proibido gozar! O Superego diz: Goza!

O direito ao gozo não fere nenhuma ética. Não é um ato utilitário. O utilitarismo é uma doutrina moral cujos principais representantes são Jeremy Bentham e John Stuart Mill, e que põe como fundamento do ato humano a busca egoística do prazer individual, do que deverá resultar maior felicidade para maior número de pessoas, pois se admite a possibilidade dum equilíbrio racional entre os interesses individuais.

O gozo do Outro, do corpo do Outro que o simboliza, não é signo do amor. O gozo não é o amor, nem o desejo. E o Outro não é o outro, o semelhante, a outra pessoa, homem ou mulher. Por exemplo, no gozo masturbatório o corpo também é do Outro.

O amor é recíproco. É ignorância do desejo, pois o desejo é do Outro. O amor é demanda. A resposta do gozo do Outro não é necessária. Não é necessariamente do Outro que parte a resposta ao gozo do corpo do Outro. O gozo não parte necessariamente do amor. O gozo do corpo que simboliza o Outro não depende dos caracteres sexuais secundários do corpo. Pensamos que os caracteres sexuais secundários fazem o gozo sexuado, mas o ser é o gozo do corpo como assexuado. O gozo sexual é marcado pela impossibilidade de estabelecer o Um da relação sexual.

Sempre que perguntamos: você o ama ou

você a ama, o sujeito não sabe a resposta, porque o amor, Eros, é Um. O amor está na contramão da experiência psicanalítica (Lacan, Seminário 20, p. 13). Em psicanálise não se trata do amor, nem do desejo, mas do gozo, porque Há Um.

O desejo só mostra a falta. Esse Um é de significante. S_1 é o Ser e detrás dele está o gozo. Gozar de um corpo sem as roupas, isto é, de um corpo de uma outra pessoa, não toca na questão do que faz o Um, na questão da identificação. O que devemos entender por corpo é esse resto chamado de objeto *a*. A imagem do corpo, por exemplo, se sustenta desse resto.

O amor é narcisista. Não existe amor objetal. Existe desejo, ou pior, causa de desejo, que se confunde com o amor objetal. A causa do desejo, isto é, *a*, o corpo do Outro, é arrimo de sua insatisfação, talvez de sua impossibilidade. Ainda que recíproco, o amor é impotente, porque ignora que é apenas desejo de ser Um, Eros, o que une, união. Ser Um é impossível e isso condiciona a impossibilidade de fazer a relação, dos dois sexos, existir.

Tudo gira em torno do gozo fálico, mas o gozo d'**A** Mulher é não-todo fálico. O gozo do corpo do Outro sexo é um paradoxo como o de Aquiles e Briseida, de Dante e Beatriz. Todo ser falante, homem ou mulher que habita a linguagem pode se inscrever no outro lado, mas com isso perde a universalidade, torna-se particular, não-todo. Assim, a humanidade se reparte em identificações sexuais: **S** e Φ ou S_1 – do lado do homem, *a*, **A** e S(**A**) do lado da mulher. A libido é masculina, portanto, quer dizer que um campo é ignorado pelo sujeito do inconsciente: o campo d'**A** Mulher.

Referências

LACAN, Jacques. **O saber do psicanalista.** 01/06/72 – Inédito.

_____. **Seminário 20:** Mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

_____. **L´insu-que-sait de l´une bévue s´aille à mourre.** Aula de 17/05/77, Inédito.

GERBASE, Jairo - **O âmago da cura psicanalítica é um significante novo.** Inédito.

PEREIRA, Maria de Fátima. Da episteme aristotélica à lógica do não-toda. In: **O saber do psicanalista.** Salvador, 2002, nov. Campo Psicanalítico.

COSTA, Newton da. Entrevista in **ISSO**: Despensa Freudiana, 1989, Nº. 1, BH.

KNEALE, William; KNEALE, Martha. A lógica modal de Aristóteles. **O desenvolvimento da lógica**. 3ª. Edição. Fundação Calouste Gulbekian. Tradução de Manuel S. Lourenço. Lisboa, 1991.

A Ética da Escolha do Sujeito e sua Dimensão Trágica

Alba Abreu Lima

albagermana@bol.com.br

O QUE A PSICANÁLISE TEM A APRENDER COM A TRAGÉDIA GREGA?

A tragédia empresta seu cenário às muitas disciplinas das ciências humanas, constituindo-se como campo de produção teórica a partir da análise dos significados e especulações sobre a história da família e da condição humana, mesmo tendo perdido sua intensidade cênica.

Freud, em sua clínica, investiga a condição de assujeitamento do analisante ao desejo inconsciente e faz, em sua obra, inúmeras referências à tragédia.

Lacan, no Seminário VII, indica a tragédia como paradigma do desejo humano como desejo do Outro, e a dimensão ética da escolha do sujeito: "agiste conforme o desejo que te habita?".

TRÁGICO E HISTÓRIA DA TRAGÉDIA

A tragédia emergiu numa condição política, social, cultural e religiosa específica no século V a.C. e manteve sua presença até o declínio da antiga cultura greco-romana. A Poética de Aristóteles, primeiro teórico da tragédia, aponta os dois conceitos que definem o gênero: a mimese, imitação da palavra e do gesto, despertando no público piedade e temor; e a catarse, efeito que proporciona o alívio dos sentimentos. Para ele, a tragédia é uma forma de um ensino ético porque põe em cena a fragilidade humana frente ao acaso.

Durante o período medieval, o gênero desapareceu e alguns teóricos atribuem à "falta de subjetividade" na cultura européia da época, de onde resultariam a tensão e o paradoxo, elementos decisivos na tragédia. O que não impediu a Igreja de, mesmo considerando a arte uma profanação, se apoderar do teatro para seu proveito – nos autos de fé.

A decisão trágica se dá sempre entre os desígnios dos deuses e os projetos ou paixões dos homens. Exprime o debate entre o passado mitológico e o presente da polis. Nesse sentido, nem mesmo poderíamos considerar trágica a

saga de Jesus Cristo, diz Gumbrecht em seu ensaio "Os lugares da tragédia", pelo motivo, justo, que ele apresenta em sua morte: redimir a humanidade do pecado original.

Na Renascença, surge, apesar da objetividade do mundo cristão, uma cultura que garante o lugar do homem e sua subjetividade. Hamlet, ícone do homem moderno, apresenta a tragédia do desejo ao colocar o homem no centro do mundo: "Que obra prima é o homem! Como é nobre em sua razão! Como é infinito em faculdades! Em forma e movimentos, como é expressivo e maravilhoso! Nas ações, como se parece com um anjo! Na inteligência, como se parece com um **deus**!".

No Século de Ouro espanhol, a tragédia foi cultivada por grandes figuras da literatura, como Pedro Calderón de la Barca, que escreveu "A Vida é Sonho", considerada a obra-prima do teatro espanhol do século XVII, exemplo por excelência do teatro barroco, tomando por núcleo temático a fugacidade e o ilusório da vida, ligando-o ao problema do livre arbítrio e dos bens transitórios na existência humana. É considerada a versão cristã do Édipo, no sentido em que o herói trágico é portador de um destino adverso destrutivo aos outros e a si mesmo, que o faz desaparecer para que não se cumpra o vaticínio. No caso do Édipo, o oráculo se cumpre, no segundo, o herói vence o destino pela via da mulher que representa o amor e a compreensão de que a vida é transitória como um sonho. Na obra, o incesto é substituído pela morte da mãe, causada pelo herói no nascimento, o assassinato do pai é substituído por uma insurreição militar, e a profecia se dá por meio de duas fontes: o sonho da rainha e o saber astrológico do rei.

A tragédia francesa do século XVII recuperou os modelos gregos e alcançou grande profundidade psicológica com as obras de Corneille e Racine. No norte da Europa no século XIX, Ibsen, Strindberg e Tchekhov escreveram peças em prosa e os temas mais adaptados às inquietações contemporâneas.

O termo trágico adquire, depois disso, um sentido generalizado, fora de sua ligação a uma forma literária, para designar a condição humana. Peter Szondi, em seu "Ensaio sobre o trágico", diferencia a criação poética da tragédia e a filosofia do trágico, que surge com Schelling, Hölderlin e Hegel, que se ocuparam da cultura grega. Ele diz: "Sendo um ensinamento acerca da criação poética, o escrito de Aristóteles pretende determinar os elementos da arte trágica; seu objeto é a tragédia e não a idéia de tragédia".

É o fator dialético o denominador comum que perpassa todas as definições do trágico. Em todas as tragédias o que está presente é a construção dialética da autodivisão, da transformação de algo em seu oposto, a contradição e o conflito do sujeito, do vencedor e vencido. É o que nos interessa enquanto psicanalistas.

PSICANÁLISE E LITERATURA
"Somos todos trágicos"

Aproximar a psicanálise da literatura é o que faz Ricardo Piglia em seu ensaio "Somos todos sujeitos trágicos". Ele propõe a psicanálise como uma das formas mais atrativas da cultura contemporânea porque revela uma épica da subjetividade numa versão violenta e obscura do passado pessoal. O atrativo seria baseado na aspiração a uma vida intensa porque no âmago do nosso ser, é o que Freud revela, experimentamos um grande drama - desejo de sacrificar nossos pais, como Hamlet ou filho abandonado de reis, como Segismundo - um lugar onde somos sujeitos extraordinários.

Na literatura, a tragédia estabelece sempre uma tensão entre o herói e a palavra enigmática dos deuses. A questão sobre "O que o Outro quer de mim?" Seria equivalente na tragédia a: "O que meu Deus me reserva como destino?"

Dizer que o sujeito é trágico não é dizer que tudo está determinado desde antes, mas a rota que ele escolhe para se salvar da ruína pode se tornar seu aniquilamento. O herói grego realiza seu desejo como desejo do Outro e aceita a responsabilidade de avançar até a queda final. A escolha o conduz até às últimas conseqüências: a imolação do herói é necessária para a preservação dos valores da comunidade.

Na lógica da psicanálise, desejar é buscar o que se perdeu na operação da castração, o que quer dizer que, quando se escolhe a alienação significante, a história geracional, perde-se uma parte do seu próprio ser que é irrecuperável. É o modo como o sujeito entra na tragédia, por optar pela cadeia significante, passando a ser mortal. No drama da passagem para a existência simbólica não há nada senão vida conjugada com morte: essa a dialética freudiana. A separação do objeto materno é vivida como uma morte, desamparo.

ROMANCE FAMILIAR
"A Tragédia singular"

Freud construiu, a partir das tragédias de Sófocles e Shakeaspeare, metáforas clínicas da existência humana e, embora heróicas, é como homem comum que ele as efetiva, diz Lacan no Seminário da

Ética. Cada romance familiar carrega o enredo de uma trama onde o sujeito simboliza seu encontro com o real. O vazio central tem nome de castração e as modalidades subjetivas são as escolhas que o sujeito faz no confronto com a falta. Com sorte, o sintoma aparece como uma invenção metaforizada para fazer borda ao vazio e permitir ao sujeito um ordenamento do desejo contido na fantasia.

O romance familiar na tragédia revela, ao final, que o personagem familiar era, desde o início, o inimigo. Esse desconhecido, buscado pelo herói trágico se origina naquilo que Freud chamou de O estranho. Isso significa dizer que o 'inimigo' que ele tanto procura está no interior dele mesmo, nas palavras de Édipo Rei: "Ah! Citéron! Porque não me mataste? Assim eu não teria mostrado aos homens todos, quem eu sou!". Nada mais trágico para o sujeito desvelar que o mais terrificante provém de sua própria profundeza. O Rei Édipo procura os assassinos de Laio temendo que eles se tornem seus próprios assassinos e encontra a si mesmo.

Aquilo que Freud descreveu como recalque é o que faz de Édipo um herói tanto psicanalítico como trágico, diz Rosset, em "A lógica do pior", porque ele interroga uma exterioridade acerca de um tema que não concerne senão à interioridade. Ele afirma:

> "O mecanismo do recalcamento tem esse efeito de reunir o estranho e o familiar. É a noção moderna para designar o mecanismo dos trágicos gregos, exclusivo de toda força exterior ao homem – tal como a idéia de destino – afirmador de uma força interior e silenciosa, capaz de todos os terrores e todas as alegrias acessíveis àquele que dela está investido". (ROSSET, 1989)

De tudo que está próximo do homem, nada é tão terrível como o recalcado desconhecido que se agita dentro dele. A psicanálise interroga sobre esse mecanismo que está excluído da consciência, mas que dispõe de energia para se manifestar inesperadamente e, por isso, aterroriza. Querer saber sobre o enigma do desejo, essa é a proposição que move Édipo e os sujeitos em análise.

A ÉTICA TRÁGICA NA CLÍNICA

Na neurose, trata-se de uma construção singular do muro contra o gozo que o analista tem acesso aos pedaços, verificando os caminhos da formação dos sintomas e os materiais aos quais o sujeito recorreu para encontrar o prazer em sua fantasia. Verificamos, freqüentemente, na clínica que o sujeito tem os meios de sair da repetição e não consegue, pela necessidade de castigo.

E o que acontece na psicose, onde o sujeito não tem como recorrer ao Coro - "Melhor seria não haver nascido..." - que limita o campo da existência humana? Outro exemplo: Segismundo, em A vida é sonho:

> "que delito cometi contra você nascendo; ainda que se nasci, já entendo o delito que cometi: bastante causa teve vossa justiça e vigor, pois o delito maior do homem é haver nascido".

Lucas se pergunta: "e se eu tivesse morrido naquele acidente aos três anos? Não seria quem sou hoje, marcado pela falta de personalidade, sem me reconhecer no que faço e sem saber pra onde vou". No acidente, ele demanda ao pai contra seu atropelador: 'mata ele, pai'! E essa frase lhe retorna em todos os delírios. O pai tem sempre que matar seu perseguidor. Nas crises, está sempre hipnotizado pelo outro que guia suas ações, insulta, infemiza sua vida e lhe pune com a angústia. No episódio que desencadeia sua primeira crise, Lucas pede: "me segure que estou indo..." (em direção à 'perda da personalidade'). As experiências nas crises são marcadas pela falta de qualquer referencial de si mesmo: "quem sou eu, prá que viver? Não seria melhor a morte do que essa vida?".

Podemos afirmar que o sujeito fragmentado da tragédia é o neurótico, porém fatalista seria o psicótico, pois de sua posição de objeto não cabem as dúvidas neuróticas: dormir, sonhar ou morrer? O fatalismo indica numa crença no destino: o futuro de todo ser humano está predestinado e é imutável, fixado, sem possibilidade de alteração. Como Lucas, condenado em seu destino: aos três anos "perdeu" a personalidade e não há uma mudança subjetiva possível. Submerge na relação com o Outro e sua perda acarreta a invenção delirante em lugar da dialética do desejo.

O neurótico tem a escolha ética de alienação na cadeia significante, de perda do objeto e, conseqüentemente, a sentença de morte que paira sob sua cabeça e, após um percurso de análise, ainda pode decidir abandonar seu posto de herói, aquele da dimensão trágica da vida, para simplesmente ser feliz no acaso.

Bibliografia

ARISTÓTELES. Poética. in Coleção **Os pensadores**. SP: Nova cultural, 2000.

CALDERÓN DE LA BARCA, P. **La vida es sueño**.- Buenos Aires: Longseller, 2004.

FREUD, Sigmund. **Obras Completas**. RJ: Imago, 1977.

GUMBRECHT, Hans Ulric. Os Lugares da Tragédia. Trad: PEREIRA, L. F.in: Rosenfeld, Denis (ed) **Filosofia e Literatura**: o trágico.Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

GUYOMARD, P. O gozo do trágico. Antígona, **Lacan e o desejo do analista.** Trad Vera Ribeiro. RJ: Zahar, 1996.

JULIEN, P. **O estranho gozo do próximo**. Trad. Vera Ribeiro. RJ: Zahar, 1996.

JURANVILLE, A. **Lacan e a filosofia**. Trad. Vera Ribeiro. RJ: Zahar, 1987.

LACAN, Jacques. **Seminário 2**: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. RJ:Zahar, 1988.

_____. **Seminário 7**: A ética da psicanálise. RJ: Zahar, 1988.

_____. **Seminário 11**: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. RJ: Zahar, 1979.

NIETZSCHE, F. O nascimento da tragédia. in Coleção **Os pensadores**. SP: Nova cultural, 2000.

PIGLIA, Ricardo. Somos todos sujeitos trágicos. in **Formas Breves**. RJ: Cia das Letras, 2004.

RINALDI, D. **A ética da diferença**. RJ: Zahar, 1996.

ROSENFELD, Denis (ed) **Filosofia e Literatura**: o trágico. Trad: PEREIRA, L. F .Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

ROSSET, C. **Lógica do pior**. Trad. FJF Ribeiro e Ivana Bentes. RJ: Espaço tempo, 1989.

SÓFOCLES. **A trilogia tebana**. Trad: Mário da Gama Kury. RJ: Jorge Zahar, 2001.

SHAKESPEARE, William. **Hamlet**. Trad: Barbara Heliodora. RJ: Lacerda, 2004.

ESTUDOS EM PSICANÁLISE

Que História se Escreve, se Conta, se Escuta da Velhice?

Angela Mucida

angelamucida@terra.com.br

O envelhecimento é uma escrita que nos toca a cada dia. Não pára de se escrever em linhas por vezes incertas, quase invisíveis sobre as quais nos perdemos, mas não pára, ainda bem! Talvez essa falta de intervalo seja seu grande triunfo, só assim continuamos a escrever nossa história, na qual nem sempre nos sentimos protagonistas, mas dela não podemos também nos abster. É coisa paradoxal, mesmo sendo para sempre incluídos em seu enredo, não há como se apoderar totalmente de suas letras, algumas sempre nos escaparão. E, mais paradoxal ainda, mesmo nos escapando estão encrustadas no mais íntimo de todos nós. Como perceber nesse processo contínuo e radical; envelhecemos desde sempre, em que ponto, vírgula, parágrafo, interrogação...desse texto, nossa vida, a velhice se escreveu de forma incisiva e radical? Ou ela esteve lá desde sempre, como um ponto tão intrinsecamente colado à vida que só podemos vislumbrá-la fora de nós mesmos?

Velho é sempre o outro no qual não nos reconhecemos e isso também nos escapa. A velhice é uma escrita feita sob o impossível de tudo nomear e, ao mesmo tempo, entrelaça-se sempre aos nossos traços, entrelaça-se à nossa escrita a mais fundamental; ela não traz à baila outro sujeito. Os destinos possíveis que cada um dá a esse "acontecimento" são sempre particulares e formam uma rede que toca o mais familiar e também o mais estranho. Tão colada a nós, traço particular aos enganos próprios ao espelho e tão familiar, lugar por excelência daquilo que Freud

nomeou como "Unheimilich"; esse estranho familiar que retorna do recalcado. Estranho que retorna de experiências marcadas pelo outro de si mesmo e que se transforma, após o recalque, em algo menos amistoso, expondo o desejo, o desamparo, a repetição e a morte. Como assinala Freud:

> "uma experiência estranha ocorre quando os complexos infantis que haviam sido recalcados revivem uma vez mais por meio de alguma impressão"(...)[1].

A velhice pode ser um momento propício ao retorno dessa impressão pois expõe de várias maneiras o real da castração por diferentes perdas e modificações . Entretanto, esse real, por vezes difícil de suportar, é também particular; se para alguns o difícil é a imagem, o corpo envelhecido, para outros pode ser a aposentadoria, a menopausa ou outras perdas e modificações inevitáveis trazidas pelo envelhecimento e a velhice. Outros sujeitos dão a esse real um tratamento que se abre a novas escritas. Nas palavras de uma analisante de 91 anos: "é preciso saber em qual onda se entra e qual se deixa passar".

Como um texto, nossos traços, as "letras" marcadas em nosso corpo e em nossa memória transitam através de um tempo bem peculiar; não há um passado morto, não há um presente puro e não existe um futuro a não ser pelas perspectivas, pelas traduções de cada parte desse texto. A tradução se faz sempre pelo sentido e toda tradução é uma interpretação do que foi percebido, vivido ou simplesmente imaginado. Muitas de nossas lembranças, por exemplo, constituem-se criações ou interpretações da realidade, mas têm suma importância por constituírem-se a realidade psíquica de cada um. O presente só pode se dar pela atualização desses traços, implicando com isso que estamos sempre a ler, ouvir e dar outros ou novos sentidos ao que está escrito. É a partir disso que se conta e se escreve a história. E tudo isto tem um lugar especial na clínica.

Somos continuamente leitores de nosso texto a partir de tantos outros "textos" já lidos, escritos, pintados ou esculpidos anteriormente.

> "Sempre que um texto revisita os seus lugares, apõe-lhes um suplemento, comentários, glosa, parergon, sem que exista um lugar inicial revisitado que não seja já suplementar"[2].

Novo e velho se misturam e, de repente, algo surpreende: nova forma de organizar as palavras, de pontuar uma frase, incluir uma locução, um fragmento da história. Outro sentido se impõe nessa "revisitação" continuada de cada texto, o nosso texto. Esse texto traz tanto as marcas dos anteriores como carrega em si o novo, o inesperado povoando de surpresa o olhar de quem lê. Isto também a clínica com idosos tem nos ensinado.

Mas, quantas vezes o texto pessoal não sofre as mesmas vicissitudes de um escritor diante do texto a ser escrito?! Angústia diante da folha em branco, inibição, insônia da escrita... O texto emperra e o sujeito entra em pânico, deprime-se, angustia-se: "sempre levei minha vida bem, passei por inúmeras perdas e consegui superá-las. Agora elas retornam, foram se juntando e me causam medo. Sei que isso vem agora porque sempre fui muito contida", expressava-se outro sujeito em análise aos seus 87 anos. De repente, algo não mais se "contém" e, independente da idade, ali está o sujeito com seus traços, sua angústia e sua forma de responder ao real. O que não envelhece insiste e permeia a velhice. A angústia, que sempre faz acordar, lembra-lhe que algo mancou de seu desejo. O texto a ser escrito, a partir do que foi acordado e o que não se contém, é sempre particular.

Se a velhice chega também pelos tons do silêncio, no compasso de cada dia, ela pode fazer acordar muitos dos traços anteriormente marcados. Diante desse real que afeta o corpo, o sujeito tenta se safar pelo uso das reticências - ignorando tantas vezes o mundo à sua volta, por um texto sem autor, buscando apagar os traços de sua memória, ou ainda pela indiferença e a procrastinação: as palavras fogem, escorregam, não têm direção ou não são suficientes. Elas nunca são mesmo suficientes para nomear o desejo e há que suportar essa insuficiência, suportar os intervalos, as "entrelinhas" e, neste caso, isso que não pára de querer escrever, provoca um bom sintoma da escrita.

Os escritores indicam sob diferentes maneiras uma espécie de "insônia" da escrita:

> "noite branca em que me afundo, escrevendo, no impossível desejo de escrever (...) A escrita é uma insônia. Ela tece as mesmas relações paradoxais entre desejo e sua realização"[3].

Pode-se pelo contrário, adormecer como uma espécie de fuga, diante do que desacomoda, incomoda. O efeito pode ser a depressão ou a inibição. Dorme-se muitas vezes diante do que se sofre e como não há sono que seja eterno, lá está o sujeito um dia qualquer diante da mesma página ou de outra a ser escrita. Pode-se imaginar ainda que basta repetir o já escrito. Mas como o que se repete não se faz jamais da mesma forma, não há como procrastinar para sempre o encontro com o necessário da escrita, atravessado pelo inesperado de outros sentidos.

A velhice, apoiando-se nos traços particulares, escreve-se ainda com vários estilos. Os "estilos" indicam como cada um se arranja para compor um texto com as "letras" recebidas. Ele é o traço mais pessoal que não há como apagar e nem necessita esforços para demonstrá-lo. Buffon já o disse "o estilo é o homem", é o traço mais primordial de cada sujeito. Todavia, assumir o estilo que lhe é próprio, essa responsabilidade subjetiva pelo que se deseja e se é marcado, não é uma tarefa simples. Por outro lado, eximir-se desta tarefa impõe uma vida amputada do desejo o mais fundamental. Pensado assim, o estilo alinha-se ao que não envelhece, estando presente como possibilidade, pela presença do sujeito através dos atos escritos na vida.

Pensar assim é saber que estaremos sempre submersos ou tocados por alguma forma de real. Nossas respostas a ele se modificam com o percurso da vida; aquilo que pareceria imponderável, insuportável, dolorido ou mesmo estranho em um momento, em outro, já não o é. O real toma outras versões no tempo, impondo outras respostas, outras escritas.

Se o ato de escrever é intrínseco à constituição do sujeito, disso que não envelhece e toca a velhice, se escreve, se conta, se escuta... É impossível não escrever, mesmo que indiferente ou pouco implicados com essa escrita, somos escritos bem antes de podermos ler, escrever e compreender o que foi escrito. A escrita segue sempre o curso da vida que não pára. É impossível escrever, traduzir, contar e escutar totalmente. Há partes desse texto situadas fora de toda compreensão ou nomeação, mas, mesmo nos escapando, a escrita sempre nos afeta. Ser "afetado" por essa escrita implica que dela não se pode jamais se abster; mesmo quando o texto se torna bizarro, dolorido ou sem sentido. Se o sentido nos escapa há de se acomodar a pequenos sentidos, transitórios que sejam, como resposta ao que a vida sempre impõe. A falta de um sentido inaugural provoca, no melhor dos casos, o desejo de buscar pequenos sentidos. Isso marca uma diferença e tem efeitos no tecer cotidiano de cada velhice. Nas palavras de Llansol:

> "-Se eu nada fizer, nada existirá.
> -Mas, se fizeres, poderá existir. Ou não.
> -Sempre a inexistência tem mais força?- pergunto.
> (...) E escreve no seu caderno: um dom vem colocar-se ao lado do meu fazer para o proteger do nada[4]."

Notas

[1] Id. Ibid. , p.310
[2] EIRAS, Pedro. **O texto sobrevivente**, 2005, p.12.
[3] SCHEIDER. Michel. **Ladrões de Palavras**, 1990, p.10.
[4] LLANSOL, Maria Gabriel. **Ardente texto Joshua**, 1998, p.7.

Referências bibliográficas

EIRAS, Pedro. O texto sobrevivente. Jade - **Cadernos llansolianos** 5, Grupo de estudos Llansolianos, Lisboa, 2005.

FREUD, Sigmund. Carta 52 [1896]. **ESB**, Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____. O estranho [1919]. **ESB**, Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XVII.

LACAN, Jacques. **Seminário da angústia** [1962-1963]. Tradução do Centro de Estudos Freudianos do Recife. Versão brasileira fora do comércio. Inédito.

LLANSOL, Maria Gabriela, Ardente texto Joshua. Lisboa: **Relógio D'água**, 1996.

MUCIDA, Ângela. **O sujeito não envelhece** - Psicanálise e velhice. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SCHENNAIDER, Michel. **Ladrões de palavra**. Campinas, Editora da UNICAMP, 1990.

Fragmentos de uma Psicose

Angela Botto
angelabbgarcia@hotmail.com

Schreber, jurista de família abastarda, falava diversos idiomas e tocava bem piano. Seu pai, que morreu quando tinha 19 de idade, era médico e criara os filhos com princípios morais rigorosos e contenção das manifestações da sexualidade. Como ortopedista, obrigava-os a usarem os aparelhos que criava com a finalidade de manter a postura correta do corpo. Aos 42 anos, adoecera pela primeira vez e foi internado três vezes em clínica para doenças nervosas. No seu segundo internamento, que durou 9 anos, estava com 51 anos e escreveu "Memórias de um Doente dos

Nervos". Morreu aos 69 anos de idade, tendo passado 13 anos da sua vida em sanatórios psiquiátricos.

A evolução de sua doença ocorreu da seguinte forma: a princípio, apresentava fraqueza intensa que dificultava sua locomoção e uma sensação de ataque cardíaco iminente. Passara a se sentir perseguido pelo médico que o acompanhara desde o início da doença. Achara que o mundo tinha se acabado e somente ele sobrevivera como homem. O fim do mundo era sua doença. Sua catástrofe interna justificava a catástrofe externa. Com o mundo destruído, ele construíra um novo mundo onde pudesse sobreviver: o mundo dos delírios. Em seguida, Deus assumira o papel do inimigo e exigia sua emasculação: teria que se transformar em mulher, ser fecundado por raios divinos e criar uma nova raça de homens. Por inspiração direta de Deus e baseado na Ordem das Coisas, deveria redimir o mundo e devolver-lhe o estado perdido de beatitude tornando-se o ser humano mais importante da Terra. Na paranóia, é comum a passagem do delírio de perseguição para a megalomania, surgindo, então, o delírio de grandeza.

Acreditava que seu corpo estava em decomposição, mas milagres divinos restauravam o que fora destruído. Reconciliara-se com Deus, quando Este exigira encontrar voluptuosidade nele. Tornara-se, então, crente em Deus e devoto da voluptuosidade, assumindo uma atitude feminina para com Deus.

Segundo Freud, quando Schreber se sente como esposa de Deus, observa-se a sexualização do estado de beatitude celestial, ou seja, os delírios de Schreber mostram que a sexualidade desempenha um papel importante, confirmando, assim, a vinculação entre a paranóia e o homossexualismo passivo reprimido. Mais tarde, este homossexualismo é verificado como uma feminização, ou seja, a mulher de Deus, do pai, a que falta na terra, capaz de gerar uma nova raça de homens.

Freud considerou algumas hipóteses para explicar a explosão da libido homossexual que desencadeou a psicose em Schreber: 51 anos de idade, andropausa, não ter tido filhos, através dos quais poderia ter sublimado sua pulsão homossexual e a ausência da esposa.

O paciente Hermes (nome fictício) tem uma história semelhante. Aos 30 anos de idade, solteiro, bom nível intelectual, sente-se freqüentemente perseguido por pessoas da vizinhança, do grupo de jovens que freqüenta, e da família, especificamente o irmão mais velho. Acha que seu pai costuma espiá-lo enquanto toma banho ou troca de roupa e procura dormir "às sete chaves" para impedi-lo de injetar em seu corpo, enquanto dorme, uma substância que possa lhe transformar em mulher. Em momentos críticos, quando se sente muito provocado por ele e teme partir para o revide, prefere sair de casa por algum tempo, ficando com amigos em outra cidade, mas sempre acaba retornando. Nos últimos meses, voltou a executar suas tarefas religiosas, cada vez mais intensamente: jejua, vai a várias missas em um só dia, lê repetidamente passagens bíblicas e mantém diálogo constante com Nossa Senhora, que lhe responsabiliza pelo bem-estar da humanidade e lhe envia mensagens através dos sonhos, com relação à maneira correta de se comportar com seus semelhantes. Por ter muitos irmãos, durante a infância, quase não teve contato com os pais, sendo praticamente criado por uma velha babá que não lhe dedicava a atenção necessária, pois além de cuidar dele, acumulava outras tarefas domésticas.

Hermes tem um anseio intenso pelo pai que transfere para o irmão. Uma catexia emocional se transpõe de uma pessoa para outra, ambas queridas. A ameaça paterna de castração fornece o conteúdo de seu delírio de ser transformado em mulher, pois acha seu corpo feminino, com poucos pêlos, pênis pequeno, pouca quantidade de esperma quando se masturba, mamas desenvolvidas, fala fina, vaidade acentuada e cuidados exagerados com o cabelo. A pulsão libidinal homossexual regride e se fixa no narcisismo. A luta contra esta pulsão forma o delírio de perseguição que justifica a modificação do amor em ódio.

É o que podemos observar com Schreber, já que a análise do seu relato permitiu à psicanálise avançar sobre os conceitos de narcisismo, teoria dos instintos, mecanismo de repressão que foi substituída em seguida pelo mecanismo de rejeição.

Se Schreber carregou a marca da loucura por muitos anos da sua vida e se ultimou em sua companhia, foi o principal protagonista da nova perspectiva psicanalítica da paranóia.

Para finalizar, pincei algumas frases do livro de Schreber "Memórias de um Doente dos Nervos". Elas não estão nesta seqüência, mas traduzem sentimentos próprios do psicótico:

> "O que pode haver de mais terrível para um homem... do que a perspectiva de perder a razão e sucumbir à idiotia?... O homem sadio não poderá convencer o visionário da realidade das visões, da mesma forma que, por exemplo, o homem que vê não se deixará convencer pelo cego de que não existem cores, de que o azul não é azul, o vermelho não é vermelho... As vozes me acompanham a toda parte e em todas as ocasiões. Continuam sem parar quando leio

um livro ou jornal, toco piano, só que naturalmente, enquanto converso em voz alta com outras pessoas ou falo sozinho em voz alta, elas são abafadas pelo som mais forte das palavras faladas... A paralisia nos dedos que se tenta provocar de vez em quando de fato dificulta o ato de escrever mas não o impossibilita, e as tentativas de distrair meu pensamento são facilmente superáveis quando posso me expressar por escrito e tenha tempo suficiente para concentrar meu espírito... Se não consigo conciliar o sono, elimino os urros através do contínuo contar; quando não consigo este resultado, tenho que levantar da cama para fora dela, me dedicar a uma atividade qualquer que permita reconhecer em mim um homem pensante... Não desejo passar o resto da minha vida tristemente em um sanatório, onde minhas forças mentais ficam quase inutilizadas e onde me falta o contato com pessoas cultas e com todos os demais prazeres da vida. Se algum inconveniente continuar a opor restrições à minha aparição em público, eu mesmo saberei me impor à necessária reserva". (SCHREBER, 1903)

Referências bibliográficas

SCHREBER, Daniel Paul (1903), **Memórias de um Doente dos Nervos**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1984.

FREUD, Sigmund (1912) - Caso Schreber - **Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

Linguagem: Uma Inversão Lacaniana

Andréa Gonçalves Aragão/Jorge Melo Menezes

deagonara@hotmail.com / jorginhomelo@yahoo.com.br

Jacques Lacan, ao propor o retorno a Freud, pesquisou alguns pensadores para sustentar suas idéias e, para fundamentar seus estudos sobre a linguagem, recorre à lingüística, em especial ao material do professor de lingüística Ferdinand de Saussure.

É dele que trazemos alguns conceitos importantes para compreender a inversão que Lacan propõe quanto ao signo lingüístico, tais como:

1) A Língua, como sendo a parte adquirida da linguagem, como uma nomenclatura (SAUSSURE, 1995, 18);

2) O Signo Lingüístico que é a junção de um conceito e uma imagem acústica, ou seja, é uma entidade psíquica de duas faces composta de significado e significante (SAUSSURE, 1995, p. 81);

3) O Significante é o elemento do discurso e refere-se tanto ao nível consciente quanto ao nível inconsciente, que representa e determina o sujeito. É a imagem acústica do som que se produz quando se fala uma palavra, seu conceito (CHEMAMA, 1995, p. 197);

4) O Significado é o conceito de uma palavra, é a idéia de uma palavra (CHEMAMA, 1995, p. 198).

Então, quando Saussure fala de significado e significante, traz o primeiro como sendo o conceito e o segundo a imagem acústica, o som.

Para Saussure, o signo lingüístico se estabelece da seguinte forma:

$$\frac{s}{S} = \frac{\text{significado}}{\text{significante}} = \frac{\text{conceito}}{\text{imagem acústica}}$$

Quando Lacan retorna a Freud, ele inverte a ordem proposta por Saussure por achar que o significante é muito mais importante e interessante ao inconsciente que o significado, deixando a representação do signo lingüístico dessa forma (QUINET 1998, p. 21):

$$\frac{S}{s} = \frac{\text{significante}}{\text{significado}} = \frac{\text{imagem acústica}}{\text{conceito}}$$

Lacan traz, ainda, o conceito de cadeia de significante, que Freud chamava de cadeia associativa. Na cadeia, um significante vai de um a outro significante e, como Quinet (1998, p. 23) diz "um significante representa outro significante" e o sentido do primeiro e de todos os significantes só é possível de ser descoberto ao final da frase dita. Lacan faz um matema que representa a cadeia de significantes:

$$\frac{S1}{\$} \rightarrow S2$$

Ou seja, o significante 1 vai em direção ao significante 2, sendo assim, a cadeia vai se desenrolar e, no intervalo entre os dois significantes, surge o sujeito barrado pela castração.

Sabemos, a partir de Freud, que linguagem e psicanálise são dois domínios contíguos. Estudos sobre a linguagem se fazem de extrema importância para os psicanalistas à medida que podemos conceber a psicanálise como sendo a 'cura pela fala' e, nas idéias de Lacan, encontramos sua célebre frase: o inconsciente é estruturado como linguagem, conceito este fundamental na teoria psicanalítica.

Referências bibliográficas:

QUINET, Antônio. **A Descoberta do inconsciente**. Conferências em Campo Grande. Ed Projeto Gráfico, 1998.

CHEMANA, Roland (org.) **Dicionário Larousse de psicanálise**. Ed. Artes Médicas. Porto Alegre, 1995.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de lingüística geral**. Ed. Cultrix. São Paulo, 1995.

MAUGÜE, Jean, CARONE, Marilene, SOUZA, Paulo (orgs.). **Sigmund Freud e o Gabinete do Dr. Lacan**. 2ª ed. Ed. Brasiliense, São Paulo, 1990.

O Inconsciente é Estruturado como uma Linguagem

Alessandra Santos
alessandraj.santos@bol.com.br

Lacan concede ao simbólico o papel de constituinte do sujeito humano. Tomada nessa generalidade, a tese não pode ser apontada como original. Antes de Lacan, Ernest Cassier (1945) já havia proposto que, em lugar de definirmos o homem como animal racional, o definíssemos como animal simbólico. Assim sendo, a originalidade de Lacan não está em afirmar o condicionamento simbólico do homem, mas a maneira como, a partir de contribuições retiradas da lingüística e da antropologia estruturais, vai "reler" Freud e assinalar os vários níveis de estruturação do simbólico, assim como a formação do inconsciente pela linguagem (GARCIA,2004).

As contribuições da lingüística vieram de Ferdinand de Saussure (1857-1913), fundador da lingüística estrutural, na qual Lacan se basearia para dar continuidade à obra freudiana, adotando, principalmente, o conceito lingüístico de significante. Saussure é conhecido universalmente por seu livro "Curso de Lingüística Geral", que ele não escreveu, tendo sido publicado pela primeira vez em 1915, por seus alunos, após dois anos de sua morte.

Reymond de Saussure, seu filho, enfatizou a necessidade de abrir um campo de investigação comum à psicanálise e à lingüística, mas não o fez e foi Lacan quem tomou essa direção (ROUDINESCO, 1998).

Uma das idéias centrais de Saussure é o conceito de signo lingüístico como uma unidade composta de duas partes: o significado e o significante. O signo não é união de uma coisa e um nome, mas união de um conceito e uma imagem acústica (ou impressão psíquica do som). Ele aponta dois princípios referentes ao signo lingüístico: o primeiro, afirma sua arbitrariedade e, o segundo, afirma a sua linearidade. Tudo isso refere-se à sua significação, isto é, à relação significado/significante, unidade essa que é marcada pelo caráter indissociável de suas partes componentes, ou seja, o significante deve representar o significado. Por exemplo, a palavra árvore não remete, do ponto de vista lingüístico, à árvore real (o referente), mas a idéia de árvore (o significado) e a um som (o significante), que é pronunciado com a ajuda de seis fonemas.

Outra contribuição da lingüística para Lacan foi de Roman Jakobson (1969) que, a partir dos dois mecanismos básicos de funcionamento do inconsciente apontados por Freud, condensação e deslocamento, encontrou as duas figuras da lingüística: a metáfora e a metonímia. Enquanto a primeira é incompatível com o distúrbio da similaridade, a segunda é incompatível com o distúrbio da contigüidade (GARCIA, 2004)

Lacan fez um apanhado dessas teorias e formulou a sua própria também a partir de Freud. Em primeiro lugar, inverteu a representação saussuriana do signo, significante/significado. Em segundo lugar, a barra que separa um do outro indica uma autonomia do significante em relação ao significado, e resultando em duas ordens distintas, - a do significante e a do significado, interpondo-se entre ambas uma barreira resistente à significação. A cadeia significante é, ela própria, a produtora de significados. Segundo Garcia (2004), é essa cadeia que vai fornecer o substrato topológico ao signo lacaniano, impondo que nenhum significante possa ser pensado fora de sua relação com os demais. Lacan critica toda filosofia que procura o significado, pois diz que o significante não tem por função representar o significado, mas que ele precede e determina o significado. Significante e significado são duas ordens distintas, constituindo duas redes de articulações paralelas. Há um deslizamento incessante do significado sob o significante e é a rede de significante, pelas suas relações de oposição, que vai constituir a significação das produções do inconsciente.

Assimila os mecanismos básicos de condensação e deslocamento à metáfora e à metonímia. Na

condensação, teríamos uma sobreimposição dos significantes dando origem à metáfora. No deslocamento, pela substituição dos significantes com base na contigüidade, teríamos o equivalente da metonímia. A metáfora e a metonímia são as leis de funcionamento do inconsciente no recalcamento original e isso da à linguagem o seu duplo sentido, fazendo com que, pela interposição de um novo significante, o significante original caia na categoria de significado, permanecendo como significante latente. Quanto maior a cadeia significante, maior será a distorção.

Segundo Miller (1994), o sujeito que fala não é amo e senhor do que diz. Na medida em que fala, em que pensa que utiliza a língua, é a língua que, na realidade, o utiliza: na medida em que fala, diz sempre mais do que quer e, ao mesmo tempo, diz sempre outra coisa. Por isso, a metáfora e a metonímia não deixam de se entrecruzar no discurso, e quando falamos somos sempre levados além de nós mesmos. Na medida em que se fala, somos de fato falados pela língua. O descobrimento do inconsciente, por Freud, não é outra coisa senão isso: quando o psicanalista convida o outro a falar, o sujeito se descobre ele próprio.

Lacan nos diz que na comunicação humana é o receptor que envia a mensagem a quem depois a emitirá. Envia-a porque decide fundamentalmente sobre seu sentido. Falar ao outro não implica, de modo algum, saber o que se diz. Somente o Outro é quem pode ensiná-lo a nós e por isso falamos uns aos outros. Nem sempre nos comunicamos com o intuito de termos informações essenciais, mas para aprender do Outro quem somos. E quando o blá-blá-blá cotidiano não chega, vamos procurar um psicanalista que, mesmo quando fica calado, nos presenteia com a esperança de apreendermos quem somos (MILLER,1994).

Referencial bibliográfico

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente.** 20 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

MILLER, Jaques. **Percurso de Lacan: uma introdução.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

ROUDINESCO, Elisabeth & PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral.** São Paulo: Cultrix, 1969.

O Édipo na Contemporaneidade

Flávio Ferreira Câmara*

flaviofcamara@uol.com.br

INTRODUÇÃO

Tem-se discutido muito, em diversos segmentos da sociedade contemporânea, a crescente organização da cultura gay, especialmente no que diz respeito à sua luta por direitos iguais. Alguns setores da sociedade contemporânea entendem esses avanços como uma ameaça para a civilização e acreditam que esta desabaria se tais reivindicações fossem atendidas: o direito à união civil e à adoção de filhos.

Apesar da discriminação e do preconceito na prática ainda serem bastante elevados, é visível o aumento do número de casais gays em relações estáveis. De fato, os parceiros homossexuais, através da inseminação artificial, da adoção ou dos filhos que tiveram durante relacionamentos heterossexuais, estão formando um novo modo de organização familiar.

É justamente sobre este novo modo de organização familiar, que não coincide com o da família patriarcal nem com o da família moderna, que o presente artigo pretende discutir. Não se trata, aqui, de fazer um juízo de valor acerca de tal assunto, mas sim de discorrer pontualmente a respeito de como pode se dar a constituição sexual de um sujeito inserido numa família contemporânea desse tipo.

Mesmo respeitando a idéia de que todas as famílias reservam suas particularidades, o que quer dizer que, em última análise, todas são novas e diferentes, é pertinente levantar alguns questionamentos à psicanálise diante de tal situação:

1) Será que, em famílias onde os pais são pessoas do mesmo sexo, a probabilidade de se constituírem sujeitos com "transtornos" da identidade sexual é maior do que numa família tradicional constituída por um homem e uma mulher?

2) A questão anatômica é decisiva na definição da identidade sexual?

Para tentar responder estas questões, o presente trabalho fundamenta-se na literatura psicanalítica sobre o complexo de Édipo. Através de uma revisão bibliográfica, o artigo tratará, a seguir, de alguns conceitos essenciais para se entender a constituição da identidade sexual.

O ÉDIPO ALÉM DO MITO

É a partir dos significantes primordiais, promovidos pelo Outro, e da identificação com a imagem do semelhante, como forma total, que a criança, ainda num estado de impotência e sem coordenação motora, antecipa imaginariamente o domínio e apreensão de sua unidade corporal. Diante de tal imagem fálica, a criança sente-se completa[1].

Antes desta fase do espelho a criança experimenta seu corpo como fragmentado, não como uma unidade, o que lhe causa uma grande angústia. A identificação com o outro e o investimento do Outro, processos que ocorrem simultaneamente, são indispensáveis para a constituição do primeiro esboço do eu.

Assim como na fase do espelho, ao entrar no primeiro tempo do Édipo, a criança se encontra numa relação de indistinção quase fusional com a mãe[2]. Neste momento, a mãe é fálica e a criança, a qual foi simbolizada pela mãe como o falo, é o falo imaginário. Apesar de não saber que é o falo simbolizado, a criança sente que ela própria é a causa da felicidade de sua mãe e o que a completa, bastando, para tanto, ser o que esta mãe deseja[3]. Isto quer dizer que a criança, ao se inserir na série metonímica do desejo materno, se encontra numa posição de assujeito, encobrindo a falta do Outro.

Mas, afinal, por que se fala em completude? O que ocorre é que quando o falo, elemento essencialmente significante, fica imaginado em termos de um objeto concreto ele ocasiona uma ilusão de completude na subjetividade. É disso que se trata na relação intersubjetiva mãe-criança. Pode-se dizer, dessa forma, que o falo corresponde à parte pronunciável do desejo[4].

Entretanto, apesar da ilusão de completude desfrutada pela entidade narcisista mãe-criança, quando está em jogo uma mãe "normatizadora" que tem no psiquismo a função paterna operando, a falta vai tornando-se cada vez mais visível. Em outras palavras, a criança vai descobrindo progressivamente o descontentamento da mãe na relação mãe-criança[5].

Por mais que a criança deseje o desejo do Outro, se esforce para se identificar com o objeto de desejo de sua mãe, nunca a satisfará completamente; a mãe sempre estará buscando outra coisa. Essas idas e vindas da mãe se devem ao fato de que a criança é um objeto parcial, munido de valor fálico, enquanto o falo é um objeto metonímico.

Tendo visto que o falo é essencialmente um elemento significante, não se pode reduzi-lo a um objeto substituto - seio, criança, dinheiro, pênis, etc; todos estes são representações do mesmo. Ao ser colocado no lugar do objeto *a*, qualquer objeto que possibilite uma ilusão de completude na subjetividade transforma-se no falo imaginário[6].

Todavia, o objeto *a*, objeto causa do desejo, está fora do alcance do sujeito, pois é o objeto perdido, eternamente faltante. Este objeto, efeito da linguagem, compreende um buraco impossível de simbolizar[7]. E é mesmo por isto que ele acha-se sempre rodeado por significantes, os quais tentam, incessantemente, obter tal feito.

Em outras palavras, o fato da relação do ser humano com os seus objetos ser mediada pela linguagem impossibilita a satisfação plena do desejo, pois o que se deseja fundamentalmente é da ordem do real, ou seja, é inacessível ao simbólico e ao imaginário. Isto quer dizer que, com o advento da linguagem, há algo que se perde e que é impossível de significar: o objeto *a*[8].

Desse modo,

> "[...] o desejo remete sempre a uma seqüência indefinida de substitutos e, ao mesmo tempo, a uma seqüência indefinida de significantes que simbolizam esses objetos substitutos, persistindo assim em designar, à revelia do sujeito, seu desejo original"[9]. Dito de outra maneira, o desejo se encontra eternamente numa série metonímica, desdobrando-se sempre numa outra articulação de significantes[10].

A problemática na qual a criança se encontra, como objeto parcial, nesse primeiro tempo do Édipo é: ser ou não ser o falo. Daí conclui-se que a ilusão de completude é desde a origem sobre o fundo de falta. Segundo Gerbase,

> "ser desejado é em si mesmo traumático, porque o sujeito é desejado por um outro sujeito que também não sabe o que deseja, ou melhor, não sabe quem deseja"[11].

Todavia, no primeiro tempo do Édipo, ainda está mais fácil para criança tamponar a própria falta e a falta do Outro se identificando com o objeto enganador do desejo do mesmo.

Apesar de ser até possível tamponar ilusoriamente e temporariamente o buraco do real, o fato do objeto *a* não cessar de não se inscrever, faz com que a posição de falo imaginário, assumida pela criança, acabe por angustiá-la, pois é justamente a invasão do real no imaginário o que causa a angústia. Para preservar sua condição de sujeito, ainda no início da palavra, é preciso que ela mantenha o objeto *a* protegido do excessivo tamponamento imaginário, mediando-o simbolicamente.

A descoberta progressiva da criança de que algo falta é, inevitavelmente, acompanhada por

uma grande angústia. Esta angústia faz com que ela se posicione de forma ativa no processo de simbolização da falta (castração simbólica), o qual irá pôr fim à sua posição de assujeito.

Aqui, sempre que se fala em simbolização da falta, está se falando, a rigor, de uma tentativa de simbolização, não de uma simbolização propriamente, visto que a falta do objeto *a* é da ordem do real, ou seja, inominável. O que o sujeito visa, de fato, é lidar da melhor maneira possível com esse real, através dos significantes que o rodeiam. Quando a falta não pode ser mediada simbolicamente, a angústia, como um sinal da invasão do real, apresenta-se.

A entrada no segundo tempo do Édipo, portanto, deve ser considerada como um momento organizador para a criança, pois, como efeito da intervenção paterna na relação mãe-criança, o que é a solução ideal chamada de metáfora paterna, a criança passa a aceitar a falta da mãe, simbolizando-a por conta própria. Considerando que é a mãe quem permite a entrada do pai nesta relação, pode-se dizer que a criança é tão ativa quanto passiva em tal processo.

O pai nesse segundo tempo do Édipo, já não está mais operando de uma maneira velada, na relação mãe-criança, como no primeiro. Porém, ainda não está completamente revelado, surge mediado no discurso da mãe - sob a forma de mensagem para a mãe e como uma mensagem sobre uma mensagem para a criança. "O que ele enuncia é um não [...]: não reintegrarás teu produto e [...] não te deitarás com sua mãe [...]"[12]. O que Lacan chamou de encontro com o Outro do Outro.

Aqui, a fala do pai intervém efetivamente no discurso da mãe, o que é endereçado a mãe passa a ser remetido a esta instância superior - o Outro que à mãe instaura como aquele que lhe dita a lei. Dessa forma, pode-se dizer que o pai do segundo tempo do Édipo é o pai imaginário, terrível, o falo rival, que, ao mesmo tempo, priva a mãe do seu objeto de desejo e frustra a criança lhe proibindo seu objeto privilegiado: a mãe. O reconhecimento da palavra do pai, por parte da mãe, será fundamental para que a criança avance para o terceiro tempo do Édipo.

Em suma, a entrada no segundo tempo do Édipo, tanto para o menino quanto para a menina, acontece com a descoberta da falta da mãe, de que a mãe não é a lei. Diante desta situação a criança fica profundamente abalada no que diz respeito à sua identificação com o falo, embora ainda tente recuperar a situação anterior vivida com mãe no primeiro tempo do Édipo.

Doravante, na transição do segundo tempo do Édipo para o terceiro, a criança é obrigada pela função paterna a encarar, decididamente, o fato de que não é e não tem o falo, assim como a mãe também não tem, se dando conta de que a mãe deseja e procura buscar o falo junto ao pai[13].

Este pai, que a mãe aponta como aquele que tem o falo para ela, é o pai real, encarnado. Desse modo, pode-se dizer que o pai real do terceiro tempo do Édipo é potente e doador, pois tem um falo que circula, que se pode dar e receber, e também se perder[14].

A criança, então, igualmente desprovida do falo como a mãe, parte em busca dele também junto ao pai, e é aí, neste nível, que ela entra na dialética do ter ou não ter e no jogo das identificações com o ideal do eu - etapa final do Édipo. O agente da castração simbólica é, portanto, o pai real investido pelo significante do pai, ou seja, é o sujeito que ocupa o lugar investido pelo desejo materno.

A posição feminina, assumida algumas vezes pelo menino diante do sujeito que serve de ideal de eu por estar investido pelo desejo materno, está relacionada ao fato de como o menino se posiciona para ir buscar o falo. Esta posição lhe causa uma grande angústia, já que para ocupar tal lugar a condição há de ser castrado.

Todavia, na saída do Édipo, o menino recebe a autorização para ter o falo, uma espécie de procuração, de reconhecimento simbólico, por parte do pai, que lhe dá o direito de, mais tarde, pertencer a tal classe privilegiada e ser como o pai – "potente". Já a menina não tem esta autorização para ter o falo, se conformando, assim como a mãe, em consegui-lo fazendo-se objeto de desejo para quem o tem. Dessa forma, ela abre caminho para sua feminilidade, e seu gozo fálico é a partir desse lugar[15].

Ao analisar até aqui o processo de constituição do sujeito, verifica-se, portanto, que o que define a identidade sexual do mesmo não é meramente uma questão anatômica, ou seja, isto não é o mais importante. Afinal, o que há é uma castração simbólica de um objeto imaginário.

> "[...] não chamaríamos o que está em jogo de complexo de castração se, de certa maneira, isso não pusesse em primeiro plano que, para tê-lo, primeiro é preciso que tenha sido instaurado que não se pode tê-lo, de modo que a possibilidade de ser castrado é essencial na assunção do fato de ter o falo"[16].

Existe, primeiramente, tanto para o menino quanto para a menina, a fantasia de que todos são fálicos. E, mais adiante na evolução do Édipo, o menino, mesmo tendo o pênis, terá a fantasia de que não o tem. Segundo Lacan:

> "[...] no momento da saída normatizadora do Édipo, a criança reconhece não ter – não ter realmente aquilo que tem, no caso do menino, e aquilo que não tem, no caso da menina"[17].

Portanto, estes fatos mencionados acima,

assim como o reconhecimento da criança de que a mãe não tem o pênis, devem ser entendidos a partir de uma articulação com a relação da criança com o Outro. O fato da falta ir tornando-se cada vez mais visível nesta relação, possibilita compreender o motivo pelo qual a criança, a partir de uma elaboração psíquica, crê, num certo momento, que algo falta ao real dos sexos, quando nada falta: a mãe não tem o pênis e nunca o teve concretamente.

Segundo Dor[18],

> "[...] é somente porque ela persiste em querer que falte alguma coisa, que os sexos tornam-se diferentes para ela". Este fato "[...] postula implicitamente a existência de um objeto, ele próprio imaginário: o falo"[19].

Desse ponto de vista, a importância do anatômico fica relegada, no mínimo, ao segundo plano. O artigo procura deixar claro que o agente da castração simbólica, que vai por fim ao Édipo, é, antes de tudo, um lugar simbólico prefigurado no desejo materno, que nem sempre é ocupado pelo pai biológico. Para Ferreira,

> "sob o enfoque psicanalítico a família é vista como uma estrutura, ou seja, uma organização caracterizada por posições ou lugares vagos que podem ser ocupados por personagens distintos"[20].

Dessa forma, qualquer sujeito que ocupe o lugar investido pelo desejo materno, independente do fato de ser uma mulher ou um homem, será o agente da castração, pois estará investido pelo significante fálico. Ou seja, estará investido pelo significante do pai, fazendo, a partir disso, o corte na entidade narcisista mãe-criança.

Segundo Lacan[21], "o pai é um significante que substitui um outro significante". Dito de outra maneira, ele consiste numa metáfora, onde o significante materno é substituído pelo significante Nome-Do-Pai - significante no qual se inscreve a lei.

Assim, "podemos ter um pai ausente, não pai na realidade, e o significante em seu lugar e, ao contrário, ter o pai presente e o significante ausente"[22]. Isto quer dizer que a presença do pai encarnado e o significante não estão necessariamente conectados.

Na verdade, o que há é uma pluralidade dos nomes-do-pai. Considera-se, por exemplo, que o nascimento de Hanna, ao produzir um corte na relação narcisista de Hans com sua mãe, tenha operado como função paterna para Hans.

No trabalho de Marie-Cécile[23], *Édipo Africano*, essa questão de alguma forma também é debatida. O trabalho mostra que a lei é instaurada mesmo numa cultura onde quem exerce a função de pai simbólico não é um sujeito adulto, mas sim uma árvore que representa os ancestrais da tribo chamada: alfarrobeira.

Se as funções materna e paterna estiverem operando numa família constituída por um casal homossexual, uma saída "normal" do Édipo é tão possível quanto numa família tradicional constituída por um homem e uma mulher, pois o que há, em ambos os casos, é a não-relação sexual, frente a qual o sujeito terá que situar seu gozo.

Dessa forma, pode-se concluir que o que vai ser decisivo na definição da sexualidade do sujeito é o modo como o real, o simbólico e o imaginário ficam amarrados com o fim do Édipo. O que quer dizer que o complexo de Édipo, desse ponto de vista, funciona como quarto nó – o *sinthome*, se afastando completamente da idéia de mito[24].

NOTAS

* Psicólogo. CRP-03/ IP-0967.

[1] LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J. B. Fase do espelho. In: LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J. B. **Vocabulário de psicanálise** (p.176-178). 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

[2] DOR, Joel. **Introdução à leitura de Lacan:** o inconsciente estruturado como linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.

[3] BLEICHMAR, Hugo. **Introdução ao estudo das perversões:** teoria do Édipo em Freud e Lacan. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988

[4] QUINET, Antonio. **A descoberta do inconsciente:** do desejo ao sintoma. 2ªed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

[5] LACAN, Jacques. **O seminário, livro IV:** as relações de objeto (1956-1957). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1995.

[6] BLEICHMAR, Hugo, op. cit.

[7] KAUFMANN,Pierre. **Dicionário enciclopédico de psicanálise:** o legado de Freud e Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

[8] DOR, Joel, op. cit.

[9] Ibid, p. 94.

[10] LACAN, Jacques. **O seminário - livro XI:** os quatro conceitos (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1995.

[11] GERBASE, Jairo. **Complexo de Édipo:** paradigma da psicanálise.

[12] LACAN, Jacques. **O seminário - livro V:** as formações do inconsciente (1957-1958). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1999.

[13] DOR, Joel, op. cit.

[14] BLEICHMAR, Hugo, op. cit.

[15] TEIXEIRA, Marcus do Rio. **A feminilidade na psicanálise e outros ensaios.** Salvador: Ágalma, 1991.

[16] LACAN, Jacques, **O seminário - livro V**, op. cit. p. 193.

[17] Ibid, p. 179.

[18] DOR, Joel, op. cit. p. 75.

[19] Ibid, p.75.

[20] FERREIRA, op. cit. p.9-10.

[21] LACAN, Jacques, **O seminário - livro V**,op. cit., p.180.

[22] GERBASE, Jairo. **Complexo de Édipo:** paradigma da psicanálise.

[23] MARIE-CÉCILE & ORTIGUES, Edmond. **Édipo africano.** São Paulo: Editora Escuta, 1989.

[24] GERBASE, Jairo. **Complexo de Édipo:** paradigma da psicanálise.

PSICANÁLISE & CONEXÕES

Possibilidades da Escuta Psicanalítica na Instituição

Katarina Vidal Aragão
katarinak@bol.com.br

Partiremos do pressuposto de que a instituição é o lugar onde o psicanalista também pode exercer sua prática, além da habitual prática clínica em consultório. Essa premissa sustenta-se na investigação de autores como Dejours (1992).

A escuta psicanalítica na Instituição estará todo o tempo buscando apreender a verdade construída e revelada no discurso do sujeito que nela se insere; a verdade enunciada pela Instituição nas normas que estabelece, nos ritmos que impõe, no modo que acolhe ou exclui aquele que nela ingressa.

Vejamos, quando aumenta o índice de absenteísmo e a rotatividade de funcionários na instituição, verifica-se nos atestados médicos apresentados pelo trabalhador, geralmente acompanhado de prescrições de psicoestimulantes e analgésicos, que o sofrimento decorrente da relação do sujeito com a instituição vem muitas vezes acumulado nas receitas. Por que será que isso acontece? Quando a doença é reconhecida nos regulamentos apenas como algo que é do sujeito, o sofrimento e a fadiga, decorrentes do trabalho excessivo, são proibidos de se manifestarem. Estes índices vem denunciar algo que não é apenas do sujeito e sim do modo de funcionar da própria instituição.

O trabalho da escuta psicanalítica é um trabalho de recusa do óbvio e do previamente estabelecido. Se pretendermos exercer a prática analítica na Instituição, precisamos estar atentos a essa exigente e a posição que nela ocupamos.

Seguindo essa perspectiva, o profissional que trabalha, segundo a teoria psicanalítica escuta o sujeito humano não somente a partir do que ele diz, mas também para além do dito, ou seja, o dizer, o que está latente em seu discurso inconsciente. As histórias de cada sujeito têm várias versões, muitas destas conflitantes entre si, porém todas elas serão consideradas na escuta analítica.

Este tratamento da informação a partir do conflito, que diz respeito à própria relação que se estabelece entre o psicanalista e seu paciente, implica a descoberta surpreendente, para alguns, de que falar sobre o que sente é possível. É quando a palavra tem sua chance.

Quando se oferece a possibilidade da escuta analítica, verifica-se que o sujeito pode vacilar subjetivamente, falar, ou melhor, não repetir apenas os regimentos, mas também colocar o seu modo de funcionar em detrimento ao da instituição, mesmo que esta fala venha num primeiro momento apenas sinalizar a doença. Então podemos oferecer esta escuta, nas mediações institucionais, nos trabalhos de grupo, nas intervenções no modo de pensar o desenvolvimento do potencial humano, que nas organizações são nomeados de DRH. Assim, nos defrontaremos com outras verdades e não com a exclusividade dos regulamentos, com a exclusividade do instituído.

Lacan (1992) enfatiza o enigma da verdade de cada um, do sujeito inconsciente, quando escreve que a psicanálise nos aponta que a verdade é sempre não toda, impossível de ser apreendida em sua consistência e que não existe uma verdade única, sendo que cada um constrói a sua ficção sobre a sua história em torno de uma verdade que é absolutamente particular.

Carlos Drummond de Andrade, poeta que passou por um percurso psicanalítico, pôde nos ajudar a refletir sobre a questão da verdade:

> "A porta da verdade estava aberta, mas só deixava passar meia pessoa de cada vez. Assim não era possível atingir toda verdade. Porque a meia pessoa que entrava só trazia o perfil da meia verdade. E sua segunda metade voltava igualmente com o meio perfil e os meios perfis não se coincidiam... Arrebentaram a porta. Derrubaram a porta. Chegaram ao lugar luminoso, onde a

verdade esplendia seus fogos. Era dividida em metades diferentes uma da outra. Chegou-se a discutir qual a metade mais bela. Nem uma das duas era totalmente bela. E carecia optar. Cada um optou conforme seu capricho, sua miopia" (1995).

Podemos verificar na inspiração poética de Drummond (1995) semelhanças com aquilo que Lacan (1992) formulou sobre a dificuldade de capturar a verdade. Lacan dirá que a verdade nos é estranha e que, ao mesmo tempo, nós não somos sem ela, que é através da fala que ela pode ser semi-dita:

> "Nenhuma verdade pode ser localizada a não ser no campo onde ela se enuncia – onde se enuncia como pode [...] Dizer que a verdade é inseparável dos efeitos de linguagem tomados como tais é incluir aí o inconsciente" (1992, pg. 59).

Se acompanharmos a idéia de que cada um capta a verdade conforme sua miopia, como quer o poeta, e a de que a verdade só é localizável no campo da enunciação, como alerta Lacan, estaremos no campo delimitado por Freud: o do Inconsciente.

Referências bibliográficas

ANDRADE, C. D. **Obras Poéticas**, Rio de janeiro: Nova Aguilar, 1995.

ARAGÃO, K. **A identidade do Corpo de Bombeiro de Sergipe**. Monografia do Programa de Iniciação Científica. UNIT/SE, 2002.

DEJOURS, C. **A Loucura do trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. 5ª ed. São Paulo: Cortez – Oboré, 1992.

FREUD, S. (1921). Psicologia de grupo e análise do ego, In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1996.

GONZÁLES, R. de C. F. **Sujeito e trabalho**: uma leitura psicanalítica da escolha profissional. Dissertação de mestrado em teoria da clínica psicanalítica. UFRJ/RJ, 2001.

LACAN, J. **O seminário, livro 17**: O avesso da psicanálise.Tradução Ari Rotman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

Paciente Medicado e o Manejo do Sintoma pela Psicanálise na Estrutura Neurótica

Laize Souza Barreto

laizesb@uol.com.br

Este foi o tema de um trabalho[1] realizado na disciplina Pesquisa III do Curso de Psicologia na Universidade Tiradentes. Nasceu de questões da Psicanálise relativas ao acentuado uso de psicotrópicos que, com o avanço da medicina científica, prometem soluções fantásticas, deixando as pessoas mais felizes, menos ansiosas, menos angustiadas e sem sofrimento. Se pela neurociência os distúrbios psíquicos estão ligados a um mau funcionamento das células nervosas, existindo um remédio adequado para tais distúrbios, por que haveríamos de nos preocupar? Então as pessoas não precisam mais sofrer com seus sintomas! A psicanálise vê o uso abusivo de psicotrópico como uma forma do paciente não querer saber do seu sofrimento. Para a psicanálise, o fim do sofrimento psíquico, através da ingestão de pílulas, não faz mais que suspender sintomas (ROUDINESCO, 2000)

A concepção de sintoma para a Psiquiatria não é a mesma para a Psicanálise. "Para a medicina o sintoma é um sinal de doença, e também um significante com um significado patológico" (Miller, 1981). A psicanálise compreende o sintoma como uma manifestação do inconsciente, e é concebido como algo que vem de outra ordem, algo inerente ao próprio sujeito, não respondendo, assim, pela organização orgânica, mas por uma organização libidinal.

Diante disto, buscamos obter respostas para as seguintes indagações: É incompatível fazer análise e tomar remédio? Seria função da

psicanálise e/ou seria a análise suficiente para livrar, libertar o sujeito do hábito de medicar-se? A nossa pesquisa buscou investigar, através de psicanalistas com prática clínica, as diversas formas de manejo do sintoma na psicanálise e se existe alguma particularidade deste manejo com o paciente que faz uso de psicotrópico.

Fazendo uma revisão teórica sobre a concepção de sintoma pela Psicanálise, verificamos que, desde Charcot, a histeria já não fazia mais parte do campo da psiquiatria e, na medida em que o trauma não é da ordem fisiológica, surge a necessidade do paciente narrar a sua história de vida pessoal. É com Breuer que entra em cena o método catártico, que consiste na cura pela fala. Essa prática levou Freud mais tarde a desenvolver o método da associação livre, valorizando a necessidade de uma clínica da escuta.

Os sintomas, trazidos pelas histéricas, permitiram a Freud descobrir que "os sintomas neuróticos são o resultado de um conflito e que este surge em virtude de um novo método de satisfazer a libido". (FREUD, 1976, p.419). O sintoma torna-se, então, um produto desse conflito, que se formou por uma necessidade de reconciliação das forças que emanam nessa dinâmica psíquica representadas pelas instâncias do id, ego e superego, cujo objetivo é a satisfação da libido, que uma vez insatisfeita é levada a procurar outras formas de se satisfazer. Assim, para Freud e Lacan, o sintoma surge como uma forma de compromisso, como substituto de uma satisfação pulsional, como um modo de gozar do inconsciente, de maneira que não se pode considerar um sujeito sem sintoma.

É com o sintoma que começa a experiência de uma análise. Seu objetivo é decifrar o que o sintoma tem a dizer e, portanto, é necessário enfrentar a angústia nele escondida. Assim, a direção do tratamento psicanalítico está voltada para uma escuta sobre esse sintoma, no sentido de se obter o significado inconsciente que este tem para o sujeito.

Pelo resultado da pesquisa foi constatado o seguinte: o efeito de uma medicação não atua nas causas, mas nas conseqüências, servindo apenas de coadjuvante, devendo ser administrada apenas em casos específicos da neurose. A técnica da psicanálise no manejo do sintoma em pacientes que fazem uso de medicação não difere em relação àqueles que não fazem uso, pois o que importa é a forma como o paciente apreende o psicanalista na transferência. Os medicados sejam eles histéricos, obsessivos ou psicóticos, todos são sujeitos em uma análise. O tempo de elaboração é diferente para cada paciente. Não é a medicação que vai fazer com que o sujeito entre no processo de ressignificação de seu sintoma, independente do uso ou não de medicação. Então, chegar a essa ressignificação do sintoma é fazer com que o gozo das pulsões abandone uma demanda medicamentosa e possa transitar por outros lugares.

Como a medicação age sobre o biológico e não sobre o conflito psíquico, concluímos nesta pesquisa, que então não é incompatível fazer análise e tomar remédio. A psicanálise não se opõe à psiquiatria, mas a todo o discurso que suprime a função do sujeito, a sua subjetividade.

Quanto à função em libertar, livrar o sujeito do hábito de medicar-se, isto poderá ser um dos principais objetivos de uma análise, já que a partir de uma retificação subjetiva do sujeito, os sintomas passarão a ter um outro significado.

NOTAS

[1]BARRETO, Laize Souza. **Paciente medicado e o manejo do sintoma pela psicanálise na estrutura neurótica**. Trabalho apresentado à Universidade Tiradentes, para obtenção da graduação em Psicologia. Aracaju, 2006.

Referências bibliográficas

FREUD, Sigmund (1917[1916]). Os caminhos da formação dos sintomas. Conferencia XXIII. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro. Imago 1976.v. XVI, p. 419-439.

MILLER, Jacques Alain. A psicanálise e a psiquiatria. Revista Brasileira do Campo Freudiano. In **Revista Falo**. Fator. Jul/1981.

ROUDINESCO, Elizabeth. **Por que a psicanálise?** Rio de Janeiro. Zahar Ed., 2000 p 21-31.

PONTO DE VISTA

"Se se deve definir em que momento o homem se torna humano, digamos que é no momento em que, por menos que seja, entra na relação simbólica". (Lacan, 1954)

Homenagem a Freud

Tereza Cristina Rollemberg
terezarollemberg@ig.com.br

Neste ano, em que é comemorado o aniversário de 150 anos do nascimento de Sigmund Freud, reflito: qual o papel e a função que a psicanálise vem desempenhando na humanidade? Sabemos que cada vez mais aumenta o número de seres humanos que padecem de sofrimento psíquico e que, por maior que seja o avanço das ciências médicas e tecnológicas, ainda há muito pouco sendo feito para aplacar suas angústias. Na verdade, nada vai poder dar conta de suprimir o recalque – ele é essencial para a vida a que os neuróticos estão estruturalmente submetidos.

Com a descoberta do inconsciente e da regra ética psicanalítica, associação livre, Freud, a partir de suas experiências com Breuer e com Charcot na "La Salpêtrière", no período de 1885 a 1886, colocou em prática a função e a importância da palavra no êxito da terapêutica psicanalítica.

A clínica, como sempre, soberana, mostra-nos o quanto ela pode ser efetiva na melhora emocional dos sujeitos, bem como nas possíveis mudanças de posições que podem ocorrer com estes, diante do mal-estar da civilização.

Agradecemos tudo isso ao Prof. e Dr. Sigmund 'Freud!!! O nome "Projeto Freudiano" deu-se em homenagem a um dos primeiros textos de Freud denominado "Projeto para uma Psicologia Científica", datado de 1895, sendo, portanto, a instituição psicanalítica pioneira no estado de Sergipe, fundada em 1988.

O vocábulo projeto dá idéia de um esboço, uma coisa inacabada. Assim, pensamos também que a formação de um psicanalista se dá de modo permanente. E é com imensa satisfação que prestamos à nossa comunidade o testemunho da causa psicanalítica, através do nosso curso "Fundamentos Básicos de Psicanálise", oferecido a profissionais e estudantes universitários de qualquer área, vinculado a uma formação junto à Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano.

Em sua releitura freudiana, Lacan nos aponta o valor da palavra, da linguagem e da relação simbólica entre os seres humanos, invertendo a ordem das coisas: no lugar do tratamento psicanalítico baseado no registro do imaginário, em que o paciente quer se identificar com o modelo do analista, que julga ideal, a prioridade passa a ser o tratamento do real, através do dito simbólico do paciente. Ora, sabe-se que não existe nada nem ninguém ideal e completo nesta vida, considerando que somos todos seres faltantes e faltosos por estrutura.

Penso que Lacan, na sua preocupação constante em resgatar o texto freudiano, ajuda-nos a fazer essa homenagem.

A psicanálise nos ensina a valorizar mais o que está por trás das aparências e dos escapes imaginários que a civilização incentiva e dissemina. Ela está na contramão do capitalismo desenfreado e responsável cada vez mais pela exclusão do sujeito do inconsciente, o qual tentamos resgatar a todo instante quando estamos envolvidos com a causa psicanalítica.

Retomando a frase inicial de Lacan, quando ele define o momento em que o ser se torna humano como sendo o da sua entrada no mundo simbólico, acredito que a psicanálise e seus efeitos terapêuticos tenham cada vez mais uma função social, pois servem de instrumento para a verdadeira e única liberdade do ser humano: a psíquica.

Referência bibliográfica

JACQUES, Lacan (1954). **Seminário 1**: os escritos técnicos de Freud. Aula 7/4/54. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1983.

ENTREVISTA

Por Katarina Vidal Aragão com **Sonia Alberti** (AME da EPFCL-RJ).

P.F. - Qual a importância para o profissional que trabalha com psicanálise estar vinculado a uma instituição psicanalítica?

S. A. - Muito interessante essa pergunta porque ela permite introduzir, para começo de conversa, a questão sobre a profissão. Se você está perguntando sobre o profissional que trabalha com psicanálise, provavelmente está fazendo uma diferença entre o profissional e o psicanalista, caso contrário perguntaria sobre o psicanalista, diretamente! Então, supondo que você levou em conta esta diferença em sua pergunta, gostaria de começar minha resposta chamando atenção para isso! O profissional que trabalha com psicanálise é, na sua grande maioria, um "trabalhador de saúde mental", como normalmente se diz, quer dizer, alguém que é contratado, concursado, identificado a partir de sua profissão de origem - ou seja, a profissão que obteve a partir de um curso normalmente universitário, seja de Psicologia, Medicina, Serviço Social, entre outros - e que desenvolve a prática clínica nestas instituições para as quais foi contratado, a partir de sua transferência com a psicanálise. Isso é cada vez mais freqüente até mesmo porque há cada vez mais concursos públicos para psicólogos, por exemplo, e estes podem desenvolver suas práticas clínicas em hospitais, Caps, postos de saúde, serviços vinculados a instituições jurídicias, educacionais etc. com orientação psicanalítica. Outra coisa, bem diferente, é a função do psicanalista, o tratamento que o psicanalista oferece. Qual a fundamental diferença entre essas duas coisas? O profissional é formado por um curso que lhe outorga o registro profissional. Este curso pode ser técnico, profissionalisante e também universitário. Isto é, um profissional tem formação ou de segundo ou de terceiro grau, conforme o caso, e tem registro profissional, por meio de inscrição num órgão reconhecido pelo Estado, que lhe dá o direito de exercer sua profissão desde que corresponda às exigências para tal e não falte com seus deveres de profissional. Por exemplo, o psicólogo tem uma formação universitária, um registro profissional (nos diferentes Conselhos Regionais de Psicologia) e,

enquanto tal, está autorizado a exercer a prática do psicólogo, regulamentada pelo Conselho Federal de Psicologia. Para exercer a prática profissional de psicólogo não há nenhuma necessidade de se ser psicanalista, muito menos ainda de se estar vinculado a uma instituição psicanalítica, já que tal prática pode se sustentar no grande leque de referências das variadas escolas de psicologia, além do fato de que a prática do psicólogo não é exclusivamente clínica.

A psicanálise, por sua vez, não é uma profissão! Não existe a profissão de psicanalista! Existe a formação psicanalítica que se sustenta do tripé freudiano - análise, supervisão e estudo da teoria, da técnica e da clínica - e que produz psicanalistas. Como nos ensina Lacan, o psicanalista é produto de sua própria análise. E é só isso! Ninguém pode auferir a ninguém o título de profissional somente porque fez uma análise! Isso seria até bastante absurdo! Então, podemos dizer que: o psicanalista exerce muito mais um ofício do que uma profissão, na medida em que a sua prática é resultado de sua própria experiência que cresce à medida mesma de sua dedicação, de modo que

ninguém pode autorizá-lo a priori a exercê-la, e sua possibilidade de vir a exercê-la será tanto maior quanto mais tiver franqueada sua relação com a causa freudiana. Isso não se mede em testes... e por isso você não pode propor que se verifique isso a partir dos parâmetros que são utilizados para auferir diplomas de uma profissão! Além disso, os parâmetros que utilizamos para verificar o psicanalista como produto de uma análise não poderão jamais ser exercidos pelo Estado, por Conselhos profissionais porque sua complexidade é tamanha que, podemos dizer, cada psicanalista contribui com tais parâmetros de uma forma singular... Ora, o Estado não tem condições de se ocupar da singularidade do caso a caso, e suas leis funcionam tanto melhor quanto mais universais possam ser... Bem, vamos então à outra parte da pergunta: é importante que um psicanalista esteja vinculado a uma instituição psicanalítica? Eu acho que cada psicanalista é um... e se ele é realmente um psicanalista, o mínimo que se pode esperar é que ele possa fazer suas escolhas e dar sobre elas as suas razões! Então, por conseguinte, não posso dizer o que é importante para um psicanalista, porque estarei dizendo o que é importante para mim enquanto psicanalista! Particularmente, acho importante para mim estar vinculada a uma instituição psicanalítica, pois esta vinculação vela pela minha relação com a causa freudiana na medida em que nela me vejo constantemente instigada a não só sustentar a causa freudiana na pólis com também apresentar, entre meus pares, o resultado de meus trabalhos de forma que possam ser constantemente verificados por outros aos quais suponho também uma relação fundamental com a mesma causa que me move enquanto psicanalista. Mas isso não quer dizer que a maneira de eu ver as coisas deva ser o modelo para todo psicanalista! Há psicanalistas que, ao contrário, julgam que o fator "instituição" psicanalítica os atrapalharia no exercício do ofício de psicanalista... razão pela qual há psicanalistas que não querem se vincular a nenhuma instituição psicanalítica. As razões deles são bastante justificáveis a meu ver: historicamente, as instituições psicanalíticas implicam em disputas, brigas, grupos, políticas que nem sempre coadunam com a ética da psicanálise, entre outras razões. É direito, portanto, do psicanalista de escolher não querer se vincular a nenhuma instituição psicanalítica e qualquer movimento que vá no sentido de obrigar um psicanalista a se vincular a uma instituição psicanalítica é, sob meu ponto de vista, contrário à própria psicanálise se esta é entendida como prática que resulta da relação singular que cada psicanalista tem com a descoberta freudiana e que determinou a sua própria formação. Se uma coisa é importante para mim, isso não obriga a que seja importante para todo mundo!

Finalmente, passemos então ao último desdobramento de sua pergunta inicial: seria importante que um profissional (psicólogo, médico, assistente social, fonoaudiólogo etc.) que trabalhe com a psicanálise esteja vinculado a uma instituição psicanalítica? Normalmente, seguindo a experiência que eu tenho – e que é, portanto, particular – eu diria que a maioria dos profissionais que trabalham com a psicanálise em alguma instituição, seja pública ou privada, é o que se convencionou chamar de "analistas em formação". Isso não quer dizer que não haja psicanalistas já formados – quero dizer, que já tenham feito um final de análise – trabalhando nas instituições que objetivam a saúde mental, mas quer dizer que eles são bem mais raros do que os trabalhadores da saúde mental ainda em formação. Como já dito acima, não é necessária qualquer relação com a psicanálise para se ser profissional de saúde mental, porém há aqueles profissionais de saúde mental que escolheram trabalhar com a psicanálise. É uma escolha difícil, porque sempre é árduo o trabalho com a psicanálise! Ele implica em muitos anos de formação, como se sabe, e muito investimento tanto pessoal, quanto de estudo, e até financeiro. Tudo isso se sabe. Para os profissionais que, cônscios da necessidade desse investimento todo ainda assim fizeram tal escolha, eu, particularmente, acho que as instituições psicanalíticas existentes vêm dar uma mão. Nelas ele pode encontrar pares na luta diária que terá que enfrentar, e encontrar ensino e orientação para as questões que necessariamente surgirão com o aprofundamento de sua prática. A partir disso, acho que é importante que se vincule a uma instituição psicanalítica – o que não quer dizer que não possa mudar de instituição, fazer uma longa pesquisa para conhecer todas elas e escolher aquela que julga que mais condições possa lhe dar, nem mesmo que uma vez escolhida uma instituição se sinta garantido, pois cada instituição também demandará investimentos e ele terá que avaliar até onde quer ir na sua vida institucional. Mas volto a dizer, se eu acho isso importante, isso não quer dizer, de forma alguma, que o ache necessário, e sempre é possível fazer uma formação psicanalítica fora de uma instituição.

P.F. - Nós, membros do Projeto Freudiano, instituição de ensino e pesquisa da psicanálise, estamos vinculados à EPFCL e participamos dos dispositivos da Escola para garantir nossa formação. No entanto, essa vinculação é feita um a um. Isso tem alguma relação com o que a Sra. está dizendo sobre o interesse de cada um se articular a uma instituição?

S. A. - Acho que sim! O trabalho que vocês fazem em Aracaju é muito interessante em vários aspectos, e o acompanho – quase sempre de longe, infelizmente – há muito tempo... acho mesmo que desde que ele

começou. O fato é que, além de o Projeto Freudiano ser uma instituição que visa a transmissão da psicanálise, ele se articula com o movimento que seus membros fazem para a Escola de Lacan, e a cada vez que uma oportunidade se apresenta em Aracaju, para fazer existir a referência à Escola nesta Cidade, o Projeto Freudiano sustenta o trabalho. Por um lado, isso testemunha a solidez da instituição de vocês, por outro, que tal solidez não advém de uma estrutura enrijecida ou totalitária, mas de sua relação com a causa freudiana que lhe impõe ser, num bom português, sempre "furada", ou seja, claudicante, não-toda. É sempre bom verificar de novo que é levando em conta a castração que a psicanálise pode se fazer valer e não ao contrário: a psicanálise só existe ali onde se sabe que um conjunto não é o mesmo que a soma das partes, que eros implica levar em conta as diferenças e que o Um da instituição só serve como parâmetro para fazê-la funcionar, ou seja, para garantir seu funcionamento a partir da lei que a sustenta, via Estatuto. Mas nunca isso poderá ser transferido para algo além disso, do tipo: se a instituição quer tal coisa, então todos os seus membros devem querê-lo também. Não. É preciso que cada membro tenha a liberdade de fazer as suas escolhas, justamente no um a um, e não porque haveria um movimento como um todo para uma ação que não esteja inscrita em seu estatuto. Então, assim como eu acho que é interessante fazer uma formação psicanalítica vinculada a uma instituição psicanalítica, mas que isso não é necessário, também acho que há uma grande relação histórica do Projeto Freudiano com a Escola de Lacan, mas não acho necessário que todo membro do Projeto seja filiado à Escola. Por isso, não vejo como fazermos qualquer economia da lógica do um a um, todo membro de Escola deve ter podido entrar na Escola por uma escolha absolutamente particular, melhor, singular, assumindo, inclusive, todas as conseqüências dessa escolha.

P.F. - Ainda neste ano a produção da EPFCL, no Brasil, poderá ser verificada no Encontro de Belo horizonte. O que podemos esperar deste evento?

S. A. - O Encontro da EPFCL em Belo Horizonte retoma uma questão que, além de muito importante tanto para a teoria quanto para a prática da psicanálise, é polêmico e ainda exige muito trabalho para ser melhor compreendido pelos psicanalistas: o tema do gozo. Muita coisa se escreve e se diz sobre esse tema, mas muitas vezes se tem a impressão de que nem mesmo aqueles que o exploram em seus trabalhos têm clareza sobre o que estão falando. Na realidade, poderíamos dizer que é somente com O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise, que Jacques Lacan estabeleceu as bases para todo o debate teórico do gozo. Isso não quer dizer que ele não estivesse presente antes, no a posteriori podemos encontrar o tema até mesmo em vários textos de Sigmund Freud. Porém, isso quer dizer que é quando Lacan define o campo do gozo – e isso acontece justamente neste Seminário – que os parâmetros para estudar o gozo se definem dentro da psicanálise. "Gozo: modalidades e paradoxos" – que é o título do Encontro –, além disso, visa a retomar as diretrizes posteriores, que Lacan estabeleceu a partir da década de 1970, quando propôs as modalidades de gozo nas intersecções entre real, simbólico e imaginário. Tais diretrizes permitiram ao próprio Lacan afinar as fórmulas quânticas da sexuação, ou seja, o gozo fálico como comum a ambos os sexos e o gozo feminino como heterogêneo àquele. A subversão que tal afinamento introduziu na teoria psicanalítica é até hoje absolutamente nova, e ainda nos surpreendemos com seus efeitos, mais de trinta anos depois...! O tema será desenvolvido tanto em mesas redondas e reuniões plenárias, levando em conta as articulações teóricas e a clínica. Como é freqüente na produção dentro da EPFCL, teremos a oportunidade de escutar relatos de vários casos clínicos. Isso sempre é muito rico porque, como sabemos, desde Freud não há avanços na teoria psicanalítica sem que uma pesquisa clínica os oriente. A associação do tema com as artes, as ciências e outros campos do saber, por sua vez, permitirão verificar os avanços teóricos da psicanálise na sua referência à teoria do gozo, à luz de outras contribuições, no campo que conhecemos como o das intersecções da psicanálise. Não posso deixar de chamar atenção, ainda, ao convidado internacional que participará do trabalho: Patrick Vallas é autor de dois artigos de revisão do conceito de perversão em Freud, que são hoje referência para todo aquele que estuda a perversão em psicanálise. Esses artigos foram publicados na revista Ornicar?, criada pelo próprio Lacan, e infelizmente já extinta. Mas seus textos, como tantos outros dessa histórica revista, são paradigmáticos para a seriedade com que tratava dos temas a que se propunha. Além de discutir um tema tão rico, o Encontro da EPFCL tem outros objetivos também importantes: a eleição da nova Diretoria da AFCL, a votação de sua mudança estatutária que está sendo estudada há quase dois anos, e o aprofundamento das relações entre a AFCL e a EPFCL. Como sabemos, no Brasil a Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL-Brasil) está inscrita dentro da Associação dos Fóruns do Campo Lacaniano (AFCL), em cujo Estatuto a EPFCL figura. Assim, os trabalhos de Belo Horizonte são fundamentais no empenho de nossa comunidade em fazer existir essa Escola que está entrando em seu quinto ano de existência!

EVENTOS DO CAMPO LACANIANO

VII ENCONTRO DA EPFCL – BRASIL
Tema: Gozo: Modalidades e Paradoxos
12 a 15 de outubro de 2006
Local: Royal Golden Tower – Rua Rio Grande do Norte,1015 – Savassi
Belo Horizonte/MG – Brasil
Informações: Mappa Turismo - Tel.: (31) 3071-4000
eventos@mappaturismo.com.br

JORNADA INTERNA DO CURSO DE FUNDAMENTOS BÁSICOS ARACAJU/SERGIPE
Data: 25 de novembro de 2006 às 9 horas
Local: Auditório do Centro Médico Luiz Cunha
Informações: (79) 3246-1905

VIII JORNADAS DE FORMAÇÕES CLÍNICAS DO CAMPO LACANIANO – RJ
O Que Posso Saber?
Convidado Internacional: Sidi Askofaré
01 a 03 de dezembro de 2006
Local: Hotel Novo Mundo – Praia do Flamengo, 20 - Flamengo/RJ
Informações: Sede da FCCL-RIO – Rua Goethe, 66 – Botafogo
Tel.: (21) 2286-9225 | Fax: 2537-1786 | www.fcclrio.org.br | secretaria@fcclrio.org.br

ENCONTRO INTERNACIONAL IF-EPFCL 2008
Tema: Os Tempos do Sujeito do Inconsciente
Local: São Paulo/SP – Brasil
Data: 5 e 6 de julho de 2008

Unimed
Sergipe

CLÍNICA GERAL
fit Body
GINÁSTICA COMPLETA SEM ESFORÇO
3214-05-27/3214-0485

15 anos
NOSSA ESCOLA - ARACAJU
TEL: 3217-2024/3217-6480/3255-2067

GRÁFICA
EDITORA
J. ANDRADE

Projeto Freudiano

Av. Anízio Azevedo, 675 – Centro Médico Luiz Cunha – Sala 507
Salgado Filho – CEP: 49020-240 – Aracaju - Sergipe - Brasil
Tel. (79) 3246-1905 – e-mail: projetofreudiano@hotmail.com